



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DE LINGUAGEM E CULTURA REGIONAL**

MARIA RITA LOPES DE SOUZA

**UM ESTUDO SINTÁTICO DAS EXPRESSÕES “DAR+DE+V_{INF}” COM LEITURA DE
POSSIBILIDADE NO PORTUGUÊS FALADO DE BOA VISTA/RR**

Boa Vista, RR

2015

MARIA RITA LOPES DE SOUZA

**UM ESTUDO SINTÁTICO DAS EXPRESSÕES “DAR+DE+V_{INF}” COM LEITURA DE
POSSIBILIDADE NO PORTUGUÊS FALADO DE BOA VISTA/RR**

Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Letras. Área de concentração: Estudos de Linguagem e Cultura Regional.

Orientadora: Professora Doutora Simone L. Guesser

Boa Vista, RR

2015

MARIA RITA LOPES DE SOUZA

**UM ESTUDO SINTÁTICO DAS EXPRESSÕES “DAR+DE+V_{INF}” COM LEITURA DE
POSSIBILIDADE NO PORTUGUÊS FALADO DE BOA VISTA/RR**

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Roraima. Área de concentração: Estudos de Linguagem e Cultura Regional.

Defendida em ___ de _____ de 2015 e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Professora Doutora Simone Guesser
Orientadora/Presidente da Banca/Professora do Mestrado – UFRR

Professora Doutora Lilian Coelho Pires – UFRR
Membro Externo

Professor Doutor Marcelo Giovannetti Ferreira Luz – UFRR
Membro Interno

Boa Vista, _____, _____ de 2015.

Tudo posso naquele que me fortalece.

Filipenses 4:13

Dedicatória

A minha mãe Lucila (*in memoriam*) pela lição de vida que me deixou com o seu bom humor constante diante da dureza da vida na roça. Mesmo não tendo ido à escola e contra a vontade de meu pai, me deu o direito de lutar pelo meu “lugar ao sol” através dela (escola).

Ao meu amado esposo Antônio (Sergio), pelo carinho, pela prazerosa companhia diária e pela paciência com minha ausência durante os confinamentos para estudo e pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento especial ao Mestre dos Mestres, Poder Infinito e presença sempre constante iluminando meu caminho.

À prof. Dr^a. Simone Guesser, por aceitar orientar esta pesquisa, pela paciência na correção dos meus erros estilísticos e por todos os ensinamentos repassados a mim durante esses dois anos de trabalho.

À prof. Dr^a. Alessandra Santos da UERR pela sugestão do tema e por me fazer apaixonar pela área da Linguística na graduação.

Às professoras Dr^{as}. Helena Guerra e Sandra Quarezemim pelas ricas contribuições na banca de qualificação.

Aos professores Dr^{es}. Marcelo Giovanetti e Lilian Coelho Pires pela disponibilidade em fazer parte da banca examinadora.

Ao Leonardo dos Santos, um sintaticista nato, que mesmo na graduação (UFRR), foi quem me ajudou a dar os primeiros passos na sintaxe.

A todos os professores do curso, pelos conhecimentos compartilhados.

Aos meus colegas da UFRR, que sempre estavam dispostos a compartilhar ideias.

Às colegas de curso que se tornaram amigas de todas as horas, Natalia Barroncas e Gilvania Ferreira.

A Mara Gardeane pela preciosa ajuda com a formatação.

RESUMO

Esta dissertação apresenta um estudo sintático das construções “Dar+de+V_{Inf}”, tais como *Deu de comprar uma calça no shopping* e *O João deu de comprar calças*. Tais sentenças se caracterizam por terem um verbo *dar* selecionando uma frase infinitiva (InfP) a qual, por sua vez, é introduzida pela preposição *de*. Além disso, caracterizam-se por poderem ter pelo menos duas interpretações: a leitura de “adquirir o hábito, começar, principiar”, no caso de *O João deu de comprar calças*, e a leitura de possibilidade, no caso de *Deu de comprar uma calça no shopping*. Este trabalho se concentra nas sequências “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade do português brasileiro (PB) falado em Boa Vista/RR. Tomando como base a Teoria Gerativa, são abordadas questões como: (i) a estrutura argumental do verbo *dar*; (ii) o tipo de monoargumentalidade de *dar*; (iii) os papéis atribuídos e Casos envolvidos; (iv) a formação de predicado complexo e, por fim, (v) a tipologia da categoria vazia na posição de sujeito da frase matriz. Nossas hipóteses principais acerca dessas estruturas são: (i) de que se trata de uma estrutura com o verbo *dar* monoargumental; (ii) que *dar* nestas construções pode ser um verbo auxiliar devido a sua seleção de INFP e (iii) que tais construções envolvem um complexo verbal.

Palavras-chave: construções “Dar+de+V_{Inf}”; verbo *dar*; monoargumentalidade de *dar*; predicação complexa.

SÚMARIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
1.0 Introdução	14
1.1 A Teoria gerativa.....	14
1.1.2 Princípios e Parâmetros	16
1.1.3 Gramaticalidade/agramaticalidade <i>versus</i> certo/errado	18
1.2 SINTAXE	19
1.2.1 O papel do léxico na sintaxe	20
1.2.2 Itens lexicais e funcionais do léxico.....	21
1.2.3 Atribuição de papel temático	23
1.2.4 Atribuição de Caso	25
1.2.5 Categorias Vazias	27
CAPÍTULO 2: ASPECTOS RELEVANTES PARA O ESTUDO SINTÁTICO DE “DAR+DE+V_{Inf}” COM LEITURA DE POSSIBILIDADE	30
2.0 Introdução	30
2.1 O verbo <i>dar</i> : semântica e estrutura argumental	30
2.2 O verbo <i>dar</i> : considerações semânticas.....	31
2.2.1 O verbo <i>dar</i> pleno.....	31
2.2.2 Outras semânticas de dar	33
2.3 <i>Dar</i> e questões sintáticas	38
2.4 Verbos Monoargumentais: inergativos e inacusativos	39
2.5 A noção de auxiliaridade	45
2.6 Predicado Complexo	48
CAPÍTULO 3: AS CONSTRUÇÕES “DAR+DE+V_{Inf}” COM LEITURA DE POSSIBILIDADE	50
3.0 Introdução	50
3.1 A estrutura argumental de <i>dar</i> em “Dar+de+V _{Inf} ” com leitura de possibilidade.....	53
3.2 A monoargumentalidade de <i>dar</i> em “Dar+de+V _{Inf} ” com leitura de possibilidade ..	56
3.3 A auxiliaridade de <i>dar</i> em “Dar+de+V _{Inf} ” com leitura de possibilidade	61
3.4 Papel temático e Caso em “Dar+de+V _{Inf} ” com leitura de possibilidade.....	67
3.3. “Dar+de+V _{Inf} ” com leitura de possibilidade e predicação complexa.....	70
3.4. A tipologia categoria vazia das sentenças “Dar+de+V _{Inf} ” com leitura de possibilidade.....	72
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76

INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta um estudo sobre a sintaxe das construções “Dar+de+V_{Inf}” do português brasileiro (PB) falado em Boa Vista/RR. “Dar+de+V_{Inf}” é uma estrutura que se caracteriza por ter o verbo *dar* que seleciona uma frase com verbo no infinitivo (InfP) introduzida pela preposição *de*.

As frases com a estrutura “Dar+de+V_{Inf}” podem ter pelo menos duas interpretações. Primeiramente, podem significar “adquirir o hábito, começar, principiar” (NOVO AURÉLIO, 1999:605), conforme ilustrado em (1):

(1) a. O moço deu de chegar ao hotel altas horas da noite. (Mario Donato, A Parábola das 4 Cruzes, p.24 Apud NOVO AURÉLIO, 1999:605)

Em segundo lugar, podem apresentar significado de possibilidade, como exemplificado pelas sentenças em (2):

(2) a. Dá de enganar o João.
b. Dá de sair por esse lado direito.

Nosso estudo se concentra nesse segundo tipo de interpretação. Para diferenciar essa última leitura das outras possíveis leituras, chamaremos as sentenças em (2) de estruturas “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade.

O interesse em estudar as estruturas “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade deve-se ao seu caráter produtivo no português oral de Boa Vista/RR. Além disso, como sabemos, essas não são contempladas pela Gramática tradicional (GT) e, mais ainda, são consideradas “erradas” até mesmo por falantes nativos do PB. A título ilustrativo, trazemos o trecho abaixo, retirado do “Blog do gramaticando”¹:

¹ Disponível em www.blogdogramaticando.com acesso em Dez/2013.

The screenshot shows a browser window with the URL www.blogdoagramaticado.com/2013/07/da-de-fazer-da-de-escutar.html. The page title is "Você deve ter 2 novas mensagens!". The main article is titled "Dá de fazer", "dá de escutar". The text discusses a reader's question about the correctness of "dá de fazer" and "dá de escutar" compared to "dá para fazer" and "dá para escutar". The author explains that "dá de" is a regionalism from the Northeast of Brazil, while "dá para" is the standard form. A dictionary entry for "dar" is provided, showing its various uses and conjugations.

VERBO I

- Verbos - Introdução
- Pessoas do Discurso
- Conjugação: Modo Indicativo
- Conjugação: Modo Subjuntivo
- Conjugação: Modo Imperativo
- Transitividade Verbal

VERBO II

- Verbos Problemáticos I (verbos de marior)
- Defectivos I (neoclass)
- Defectivos II (precarer, reaver, haver)
- Vocativo
- Voces Verbais

SINTAXE II

- Análise Sintática II (Introdução)
- Orações Coordenadas e Subordinadas
- Classificação das Orações Coordenadas
- Oração Subordinada Substantiva
- Oração Subordinada Adverbial
- Oração Subordinada Adjetiva

ORTOGRAFIA

- Ortografia (todas os posts)

dar

verbo intransitivo

1. resultar
2. dar: dar - teo:ham.com
3. dar: dar - teo:ham.com
4. dar: dar - teo:ham.com
5. dar: dar - teo:ham.com
6. dar: dar - teo:ham.com
7. dar: dar - teo:ham.com
8. dar: dar - teo:ham.com
9. dar: dar - teo:ham.com
10. dar: dar - teo:ham.com
11. dar: dar - teo:ham.com
12. dar: dar - teo:ham.com
13. dar: dar - teo:ham.com
14. dar: dar - teo:ham.com

Copyright © 2013 | Teo:ham.com

Como podemos observar, o problema apontado para uma frase “Dar+de+V_{Inf}” refere-se ao uso inadequado da preposição que introduz a frase infinitiva: em vez de *de*, segundo o trecho acima, a preposição adequada seria *para/pra*, tal como ilustrado em (3):

- (3) a. Dá para/pra enganar o João.
 b. Dá Para/pra sair por esse lado direito.

Essa variante, com a preposição *para*, ocorre no português falado em outras partes do Brasil, como no sul e no sudeste. Ela também é produzida em Boa Vista, mas vale ressaltar que a versão com a preposição *de* é mais recorrente.

O presente estudo toma como base a Teoria Gerativa, a qual consiste num estudo científico da Faculdade da Linguagem (ou Gramática Universal). Essa, por sua vez, refere-se à capacidade humana de adquirir e utilizar uma língua. Segundo Chomsky (1986), três são as indagações principais desse tipo de estudo:

- (i) O que constitui o conhecimento da língua?
- (ii) Como é adquirido o conhecimento da língua?
- (iii) como é usado o conhecimento da língua

Trabalhando com a hipótese inatista, a Gramática Gerativa (GG) investiga o conhecimento internalizado que o falante possui de sua língua e, assumindo princípios e parâmetros para a Gramática Universal (GU), busca explicitar o que há de regras universais entre as línguas (princípios) e o que há de regras variantes (parâmetros). Por constituírem o conhecimento internalizado do falante, as regras que compõem a GU não são regras instituídas a serem seguidas, como as regras da Gramática Tradicional. São regras, ou hipóteses, universais e específicas, que devem ser testadas dentro de uma língua específica e em outras línguas.

Tal concepção de gramática, composta por conhecimento internalizado, contrasta fortemente com o tratado da GT. Ao trabalhar com o conceito de língua como faculdade cognitiva, a GG não adota a dicotomia certo/errado presente na GT, mas sim trabalha com a dicotomia possível/não possível (ou gramatical/agramatical) no idioma. Dentro de um estudo científico da sintaxe do PB, portanto, o estudo das sentenças “Dar+de+V_{inf}” se justifica pois, embora socialmente estigmatizadas, essas não devem ser excluídas do campo de investigação linguística.

Parte central do conhecimento linguístico de um falante é o léxico, entendido como um dicionário interno que contém informações necessárias para que o falante, dentre outras coisas, forme sentenças aceitáveis em sua língua (MIOTO et al., 2013). Nosso estudo adota uma visão lexicalista para a sintaxe (CHOMSKY, 1970), aquela que, nas palavras de Basílio (2010) “estabelece a possibilidade de se representar as relações entre palavras na esfera do próprio léxico”. Nessa perspectiva, os predicados têm sua propriedade de seleção representadas em sua entrada lexical, ou seja, a representação de um predicado deve indicar o(s) argumento(s) selecionado(s), suas categorias bem como o tipo de relação semântica que os caracteriza, como esquematizado em (4b) para (4a):

- (4) a. [O casal] ofereceu [um banquete] aos [convidados]
- b. oferecer categoria [-N, +V]
- argumentos [__, __, __]
- c-seleção [DP, DP, PP]

s-seleção [Agente, Tema, Alvo]

Desse modo, os predicados atribuem a seus argumentos papéis ou funções, também denominadas de papéis temáticos. Assumiremos que atribuição de papéis temáticos é regulada pelo princípio do Critério Temático (CHOMSKY, 1986), e que a visibilidade de um papel temático é alcançada por meio de um caso abstrato e garantida pelo Princípio do Filtro do Caso (CHOMSKY, 1986). Além disso, em consonância com Rizzi (2006), assumiremos as seguintes restrições para a formação de cadeias:

- A) Um argumento não pode ser inserido numa posição não-temática e sucessivamente mover-se a uma posição de s-seleção para receber papel temático;
- B) Um argumento não pode ser inserido em uma posição temática e receber um outro papel temático via movimento.

As sentenças “Dar+de+V_{Inf}” envolvem uma representação sintática com uma ou mais categorias vazias em posição de sujeito da frase, como mostram os dados em (5):

(5) a. *ec* Dá de *ec* enganar o João.

b. *ec* Dá de os empregados ganhar(em) bem nessa empresa.

Com base nesse fato, o presente projeto leva em consideração estudos sobre as categorias vazias no PB, como os de Lobato (1988), Cyrino (1996) e Miotto et al. (2013).

Embora nos debruçemos sobre aspectos sintáticos das estruturas “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade, para melhor compreensão do fenômeno, também recorreremos a estudos de caráter semântico. Mais especificamente, lançaremos mão de estudos sobre inacusatividade (BURZIO, 1986; ELISEU, 1986); CIRÍACO e CANÇADO, 2004; MIOTTO et al., 2013) e sobre a semântica do verbo *dar* BASÍLIO et al. (1994 *apud* LIZ, 2005; BORBA, 1996; LIZ, 2005; DAVEL, 2009, SCHER, 2002, 2004 2006; ROCHA E SMARSARO, s/d; MIOTTO et al., 2013).

Para chegar ao objetivo a que se propõe, esta dissertação se organiza da seguinte forma. O primeiro capítulo apresenta alguns dos principais aspectos do referencial que embasa nosso estudo, a Teoria Gerativa. Mais especificamente, abordaremos questões como a perspectiva inatista da linguagem, a noção de princípios

e parâmetros, e os conceitos de gramaticalidade e agramaticalidade da Gramática Gerativa, em oposição aos conceitos de certo e errado da Gramática Tradicional. Em conexão, serão apresentadas algumas das assunções da teoria sintática gerativista que serão relevantes para a descrição e análise das construções “Dar+de+V_{Inf}”.

No segundo capítulo, trataremos de estudos sobre aspectos sintáticos e semânticos do verbo *dar* no PB. Discutiremos sobre o verbo *dar* pleno (subseção 2.2.1) e *dar* com outras semânticas (2.2.2). Em seguida, trataremos de algumas questões sintáticas relevantes para o estudo de sentenças com o verbo *dar* com outras semânticas, tais como a monoargumentalidade, a inergatividade e a inacusatividade (seção 2.4), bem como a auxiliaridade (seção 2.5) e a noção de predicado complexo (seção 2.6).

O capítulo 3 objetiva apresentar o resultado da análise dos fenômenos linguísticos que envolvem as expressões “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade. Na seção 3.1 analisamos a estrutura argumental de *dar* em “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade. A seção 3.2 dá ênfase a monoargumentalidade de *dar* em “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade. Na discussão da seção 3.3 testaremos a hipótese de *dar* nestas construções funcionar como um auxiliar e em seguida, na seção 3.4, veremos como acontece a atribuição de Papel Temático e Caso. Nas seções subsequentes 3.5 e 3.6 investigamos a categoria vazia presente nas estruturas “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade e a manifestação de propriedades formadoras de predicado complexo. Por fim, em 4, apresentamos as considerações finais.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.0 Introdução

Iniciamos este capítulo apresentando os principais aspectos epistemológicos que caracterizam a Teoria Gerativa. Na sequência, abordamos alguns tópicos do modelo sintático gerativista que serão relevantes para a análise das construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade, tais como o papel do léxico na sintaxe, a atribuição de papéis temáticos, a atribuição de Caso abstrato e as categorias vazias.

1.1 A Teoria gerativa

Trata-se de uma corrente de estudo que teve início nos anos 50, a partir das pesquisas do linguista Noam Chomsky. Consiste num estudo científico da linguagem, que estuda a capacidade humana de adquirir e utilizar uma língua. Pode-se dizer que o que motivou a formulação do gerativismo foi a rejeição ao tratamento que o modelo behaviorista, em particular o trabalho de Skinner (1957), dava aos fatos da linguagem. Para esse teórico, a linguagem humana era descrita como condicionada ao meio social, ou seja, era vista como uma resposta que o ser humano produzia mediante os estímulos sociais que recebia em sua interação social. Dessa forma, a linguagem era tida como fruto de repetições constantes e mecânicas que se tornavam em hábito e se constituíam no comportamento linguístico do falante (cf. KENEDY, 2013).

Chomsky, em seu trabalho de 1959, intitulado *A review of B. F. Skinner's Verbal Behavior*, chamou a atenção para um fato curioso: se a linguagem é fruto de repetição, como explicar o fato de que os falantes estão a todo momento construindo, de forma criativa, frases inéditas, sem nunca tê-las ouvido antes? Opondo-se à concepção empirista de Skinner, Chomsky revitalizou a concepção racionalista dos estudos linguísticos, colocando em foco a faculdade da linguagem. Falamos em revitalização porque discussões sobre a faculdade da linguagem não eram inéditas no

século XX, em que se inserem as publicações mais famosas de Chomsky. Como observam Rizzi e Belletti (2002), esse tipo de discussão “tinha raízes na perspectiva racionalista clássica de estudar a linguagem como um ‘reflexo da mente’, como um domínio que oferece um acesso privilegiado ao estudo da mente humana”. Em Chomsky (1959), a faculdade da linguagem ficou também conhecida como Gramática Universal (GU). Sob essa concepção de linguagem, é possível dar conta de uma diferença crucial entre os seres humanos e outros seres do planeta: o fato de que os primeiros, mas não os últimos, são capazes de manifestar a capacidade de adquirir uma língua e produzir e entender frases dentro dessa língua.

Ao desenvolver a hipótese da Faculdade da Linguagem, Chomsky faz uma distinção entre a competência e o desempenho do falante em relação ao seu componente linguístico. Para este teórico, competência é o conhecimento internalizado que o falante tem de sua língua. A forma como ele a utiliza, por sua vez, é chamada de desempenho. Observe um exemplo de competência, considerando a sentença (6):

(6) A Luiza disse que ela vai viajar.

Todo falante nativo de português sabe que o pronome *ela* em (6) pode referir-se a *Luiza* ou a outra pessoa qualquer do contexto (que seja do gênero feminino).

Outro fenômeno interessante que a GU permite ao falante saber, sem que ninguém o ensine, é a ordem das palavras. Consideremos (7):

(7) Livros estantes tem.

(8) Tem livros na estante

Qualquer falante de português sabe que há um problema com a sentença em (7) e que nenhum problema se observa com a sentença em (8). Esse tipo de conhecimento, que possibilita que um falante distinga se uma sequência de palavras que forma uma estrutura é ou não aceitável, e que permite que ele produza sentenças gramaticais em sua língua, é o que se chama de *competência* linguística.

Relacionado com a *competência* linguística, temos o conceito de *desempenho* ou *performance*, que corresponde ao uso da competência linguística em uma situação concreta de fala.

O gerativismo se ocupa com o estudo da competência dos falantes e, portanto, tem como objetivo descrever e analisar o conjunto de regras, (princípios internalizados), que permitem que um falante entenda e produza sentenças. Vale ressaltar que isso não significa que essa abordagem não reconheça a relevância da situação concreta da fala e tantos outros aspectos relacionados à linguagem, tais como aspectos sociais, antropológicos e identitários. O estudo da competência linguística é, antes de mais nada, uma consequência do foco que o gerativismo dá à faculdade da linguagem, sem todavia negar a complexidade do fenômeno linguístico na sua totalidade.

1.1.2 Princípios e Parâmetros

Dentro dessa perspectiva, a Gramática gerativa tem como finalidade descrever e explicar a natureza e o funcionamento da faculdade da linguagem. Segundo Chomsky (1986), três são os objetivos desse tipo de estudo: (i) explicitar o que constitui o conhecimento de uma língua: (ii) explicar como esta é adquirida e (iii) explicar como é usado o conhecimento linguístico.

A hipótese segundo a qual os seres humanos são dotados de uma faculdade da linguagem leva à expectativa de que as línguas sejam todas iguais, visto que são frutos do código genético humano (cf. MIOTO et al., 2013). Porém, sabemos que há uma grande variedade interlinguística. Para dar conta desse fato, assume-se que as gramáticas das línguas sejam compostas de princípios e parâmetros.

Os princípios são regras gerais e inatas, ou seja, que compõem a GU, e que devem, portanto, ser obedecidos por todas as línguas. Os parâmetros, por sua vez, são propriedades gramaticais que variam de uma língua para outra e precisam ser adquiridos (marcados positiva ou negativamente) com base no *input* fornecido pelo ambiente linguístico, no período de aquisição de sua língua.

Uma ilustração clássica das noções de princípios e parâmetros se relaciona a exemplos como aqueles em (09) e (10), concernentes à omissão de sujeito em diferentes línguas (cf. MIOTO et al., 2013).

- (09) a. Comprei este livro
b. I bought this book

- (10) a. Chove
b. It rains
c. * rains.

Línguas como o inglês e o francês, por exemplo, devem obrigatoriamente apresentar a posição de sujeito preenchido. Os dados em (09b) e (10b) do inglês ilustram essa propriedade. Note que a obrigatoriedade do sujeito se verifica até mesmo quando o verbo não seleciona nenhum argumento, como é o caso de (10b). Se o sujeito não estiver presente, como em (10c), a sentença será agramatical.

Com base em fatos como o da língua inglesa (09b) e (10b-c), a teoria sintática gerativa propôs a existência de um princípio, o *princípio de projeção estendido* (EPP), tal como enunciado em (11).

Princípio de projeção estendido (EPP, do inglês *extended projection principle*):

(11) Toda sentença tem sujeito.

Línguas como o inglês atendem ao EPP colocando um sujeito foneticamente realizado em todas as sentenças. Quando o verbo não seleciona nenhum argumento que possa figurar como sujeito da frase, o EPP é satisfeito por meio de um pronome expletivo. É o que acontece no dado em (10b) que recorre ao pronome expletivo “it”. Línguas como o português e o italiano, por outro lado, podem satisfazer recorrendo a um pronome nulo (*pro*), quando o sujeito não é um DP pleno, como ilustrado em (09a) e (10a).

O que permite que diferentes línguas tenham dois diferentes modos de satisfazer o EPP é o que se chama de Parâmetro do sujeito nulo (PSN), ou Parâmetro *pro-drop*. A ideia é que, ligado ao princípio universal do EPP, existe uma regra parametrizável, o PSN, que, a partir do *input* linguístico em fase de aquisição, determina se uma determinada língua irá satisfazer o EPP recorrendo necessariamente a sintagmas foneticamente realizados, ou não. Disso decorre a existência de línguas *pro-drop* (com valor positivo para o PSN), como o português e o italiano, e línguas não-*pro-drop* (com valor negativo para o PSN), como o inglês e o francês.

O fenômeno da omissão do sujeito é apenas uma ilustração básica sobre como a teoria gerativa lida com a universalidade da Faculdade da Linguagem, de um lado, e as diferenças interlinguísticas, de outro. A partir da concepção da GU em termos de princípios e parâmetros fixados, chega-se à definição de gramática particular, concebida como um conjunto de regras internalizadas que regem a distribuição dos elementos de uma determinada língua. É importante enfatizar que algumas dessas regras já fazem parte da GU, enquanto outras propriedades linguísticas são determinadas mediante o processo de aquisição.

1.1.3 Gramaticalidade/agramaticalidade versus certo/errado

Sabemos que a gramática normativa ou tradicional (GT) configura-se como uma espécie de lei que regula o uso da língua, elegendo como “bom” ou “correto” apenas o uso de uma das variedades linguísticas faladas em uma sociedade, a chamada norma padrão, culta ou *standard*. Como consequência da instrução escolar baseada na GT, muitos falantes associam o “falar bem” e “falar corretamente” com o fato de um indivíduo falar de acordo com as regras gramaticais da variante culta. Entretanto, é preciso entender bem esta situação.

Câmara j., (1991) adverte que a boa linguagem é aquela através da qual, além de nos fazermos entender pelos outros, faz com que nos entendamos a nós mesmos. O autor explica que uma boa retórica e o uso da gramática padrão “não resumem em si a boa linguagem, como erroneamente se admite às vezes, mas apenas concorrem para ela” (p.12). Assim, a boa linguagem é aquela que se adequa ao ambiente no qual deve ser usada. A cada situação exige-se um tipo de discurso: o diálogo com um camponês, por exemplo, certamente requer um repertório diferente de um diálogo com um oficial do exército.

Esse estado de coisas nos leva a refletir sobre a validade e importância da variação linguística no âmbito comunicativo e social. Além da importância comunicativa, sabemos que não há nada nas normas não-padrões que as caracterize como variantes linguísticas erradas: os estudos linguísticos modernos mostraram que variantes linguísticas não-padrão são compostas de regras tão (ou até mais) coerentes que as regras ditadas pela gramática tradicional (cf. POSSENTI, 2012). Disso se

conclui que o juízo negativo, ou apreciação pejorativa que a gramática tradicional aplica às falas não-standard são, na verdade, juízos embasados em preconceitos sociais, que se manifestam como preconceito linguístico (cf. BAGNO, 2004).

Partindo, portanto, do pressuposto de que todos os que falam sabem uma gramática dotada de uma lógica interna, e considerando que um estudo científico da linguagem deve observar e analisar todos os fenômenos linguísticos, e não apenas parte deles (cf. MIOTO et al., 2013), ao estudarmos cientificamente uma língua somos levados a rever os conceitos de “certo” e “errado” que internalizamos durante nossa fase de estudo de gramática tradicional na escola. Numa perspectiva científica, os conceitos “certo” e “errado” tornam-se inadequados e cedem espaço para os conceitos de “gramatical” e “agramatical” (cf. MIOTO et al., 2013), se pensarmos em estudos sobre estrutura linguística, ou de “adequado” ou “inadequado”, se pensarmos em pragmática ou uso social da linguagem, por exemplo.

O presente estudo, por assumir o conceito gerativista de gramática como conhecimento internalizado e ditado por regras (universais e parametrizadas), e por se ocupar com a competência linguística do falante, vai trabalhar com a dicotomia gramatical/agramatical (ou possível/não possível). Tal dicotomia que nos irá permitir descrever e analisar a estrutura “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade no PB falado em Boa Vista. Além disso, visto que se trata de um estudo de sintaxe, é necessário que explicitemos alguns dos aspectos teóricos cruciais de teoria sintática que estamos tomando como referência. É o que faremos nas subseções seguintes.

1.2 SINTAXE

A sintaxe estuda a combinação de elementos na formação de sentenças das línguas naturais. A sintaxe gerativa engloba uma gama de subteorias, ou módulos, que interagem uma com as outras, com o intuito de explicar o funcionamento da gramática natural. Conforme apontam Mioto e Quarezemin (2012), a sintaxe tem como objetivo estudar a relação das palavras na formação de sintagmas, bem como as combinações que os sintagmas constituem entre si na formação dos períodos. Para que uma combinação forme um sintagma, é necessário que haja uma relação lógica entre eles, por exemplo:

(12) Se combino *menina* com *a* de modo correto, formo o sintagma [a menina]; se combino de modo errado, o que eu formo não é sintagma: *[menina a]. (MIOTO e QUAREZEMIM, 2012)

Para o estudo da formação de sentenças maiores e mais complexas, a sintaxe utiliza a mesma regra. Há uma lógica, uma regra, para que a combinação das palavras seja gramatical e transmita uma informação em uma determinada língua. Em síntese, a sintaxe se ocupa de estudar como acontece a estruturação das sentenças a partir do estudo de como fazemos as combinações das palavras. Para a sintaxe não basta juntar palavras, ela quer saber “quais palavras se juntam com quais outras para formar os constituintes maiores.

Nas seções que seguem, apresentaremos alguns dos aspectos da teoria sintática gerativa que serão relevantes para o estudo das expressões “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade, começando pelo papel do léxico na sintaxe.

1.2.1 O papel do léxico na sintaxe

O léxico tem sua importância reconhecida por qualquer teoria gramatical. Ele é o ponto de partida na formação de sintagmas e sentenças por ser composto por entradas lexicais que permitem que quando um item vá do léxico à estrutura base de uma sentença, já leve consigo informações do tipo categorial e semântico.

Isso implica que quando o falante ouve determinado item ser pronunciado, ele já sabe algo sobre esse item, como quantos elementos este seleciona para sua cena (cf. MIOTO et al., 2013), conforme podemos ilustrar em (14):

- (14) a. Joana ama o José.
b. Maria deseja viajar.

O item lexical *amar* determina que haja dois participantes na cena, um será o amado, e o outro o amante. Este item, que determina quantos participantes irão compor a cena, é chamado de *predicado*. Os elementos participantes da cena recebem o nome de

argumentos. O predicado não aceita qualquer argumento; é preciso que haja uma relação de sentido entre eles. Por exemplo, o predicado *amar* exige que seus argumentos sejam elementos que apresentem tal capacidade de amar. O falante tem total noção dessa relação de sentido que deve haver entre predicado e argumentos.

O que permite que o falante tenha essa noção de acordo com Chomsky (1988) é que cada falante é munido de um dicionário internalizado que contém informações necessárias a respeito de sua língua. São essas informações que vão ajudar o falante a escolher as palavras de uma determinada categoria lexical para formar sentenças aceitáveis em sua língua (MIOTO et al., 2013). Isso é um processo inconsciente, pois embora o falante não saiba explicar como, ele sabe que uma sentença como (15), por exemplo, é inaceitável em seu idioma:

(15) * O bolo comeu o João.

O nosso dicionário internalizado é constituído de elementos lexicais e funcionais, como veremos a seguir.

1.2.2 Itens lexicais e funcionais do léxico

Nosso léxico se compõe de itens funcionais e lexicais. No primeiro grupo, estão as classes abertas (N, V, Adj). Essas se caracterizam por ter um número indefinido de itens no dicionário mental e por permitir a criação de novos itens pelos falantes. O segundo grupo, em vez, é uma classe fechada, a qual é composta por um número limitado de itens e não permite criação de novos elementos (MIOTO et al., 2013, p. 22).

Conforme observam Miotto et al. (2013), os itens lexicais que compõem o léxico das línguas naturais se definem a partir de dois traços: o [+verbal] e o [+nominal]. A esses traços são atribuídos os valores positivo (+) e negativo(-). A combinação desses traços aos valores positivo e negativo gera o seguinte quadro de itens lexicais:

- (16) a. Nome [+nome, -verbo]
- b. Adjetivo [+nome, +verbo]
- c. Preposição [-nome, -verbo]
- d. Verbo [-nome, +verbo] (MIOTO et al., p.22.)

Uma propriedade crucial desses itens lexicais é sua capacidade de selecionar semanticamente (s-selecionar) elementos linguísticos. Consideremos os seguintes exemplos:

(17) Renan e Maitê alugaram um apartamento de dois quartos.

(18) *O pote de margarina e o livro alugaram um pesadelo.

Em (17), o verbo *alugar* s-seleciona dois elementos: o sintagma coordenado *Renan e Maitê* e o sintagma *um apartamento de dois quartos*. Ao selecioná-los, esse verbo lhes impõe restrições semânticas: para dizer o mínimo, ele exige que o primeiro elemento tenha propriedades semânticas que o tornem um locatário, enquanto o segundo deve ter traços semânticos que o caracterizem como algo que possa ser alugado. Note que, se tais restrições de s-seleção do núcleo lexical *alugar* não forem respeitadas, a sentença se torna agramatical, como ilustrado em (18).

Os núcleos funcionais também selecionam seus argumentos, mas sua seleção é categorial (c-seleção). Seguindo Mioto et al. (2013), podemos afirmar que os núcleos funcionais básicos de uma sentença são representados pelas seguintes categorias: o sintagma flexional IP (do inglês *Inflectional Phrase*), o sintagma complementizador CP (*Complementizer Phrase*), a negação sentencial NegP (*Negative Phrase*) e sintagma determinante DP (*Determiner Phrase*).

Consideremos, no exemplo a flexão (I) em (17). Note que a flexão *-ram* se une a um elemento de categoria verbal. Portanto, ele c-seleciona um componente verbal. Por outro lado a semântica de seu complemento é irrelevante: tal flexão pode unir-se a qualquer tipo de verbo, independentemente de sua semântica, como mostra (19a-d):

- (19) a. Renan e Maitê compraram um apartamento de dois quartos.
- b. Renan e Maitê telefonaram ontem.
- c. Renan e Maitê chegaram ontem.

b. Renan e Maitê deram um livro ao Pedro como presente de aniversário.

1.2.3 Atribuição de papel temático

Vimos na seção anterior que os núcleos lexicais são capazes de s-selecionar argumentos. Tais núcleos, quando selecionam outros elementos para compor sua estrutura sintagmática, atribuem-lhes também determinadas funções. Tais funções são chamadas de papéis temáticos.

O estudo de como ocorre a atribuição de papéis temáticos é feito por meio da Teoria Temática. Segundo essa Teoria, os núcleos lexicais (V, N, A, P) são os núcleos capazes de atribuir papéis temáticos. Todos os argumentos, nas línguas naturais, devem receber um papel temático, enquanto cada papel temático tem que ser atribuído a um e um só argumento. Essas restrições são previstas por um princípio, denominado Critério Temático, tal como enunciado em (20):

(20) Critério Temático

- (i) Cada argumento tem que receber um e um só papel temático;
- (ii) cada papel temático tem que ser atribuído a um e um só argumento.

Na teoria de Regência e Ligação, a atribuição de papel temático deve ocorrer no nível DS, ou seja, antes que sejam realizados os movimentos necessários para a linearização da sentença. Porém, vale observar que mesmo em teorias mais recentes que não assumem o nível DS, o Critério Temático é mantido, embora seja formulado por meio de diferentes mecanismos gramaticais (cf GUESSER, 2007).

Mioto et al. (2013) observam que o princípio do Critério Temático pode ser evocado para explicar a agramaticalidade de sentenças como (21):

(21) a. *Quem a Maria viu o João?

b. *Amaria viu.

A agramaticalidade de (21a) resulta do fato de o verbo *ver* admitir apenas um argumento com a função de *experienciador* e outro com a função de *tema*, pois este

verbo é um verbo de dois lugares. Portanto, *ver* tem dois papéis para atribuir, enquanto a estrutura em (21a) apresenta três argumentos [*quem/a Maria/o João*], o que gera uma violação da cláusula (i) do Critério Temático, uma vez que um argumento ficará sem receber papel temático em (20). Por outro lado, a impossibilidade de (21b) se explica pela ausência do argumento interno para receber papel de tema, o que viola a cláusula (ii) do Critério Temático.

Duarte (s/d) elenca uma lista de papéis temáticos² que podem ser atribuídos aos argumentos (22).

- (22) a. TEMA (ou PACIENTE) = entidade que é afetada pelo efeito de alguma ação.
- b. AGENTE / CAUSADOR = instigador de alguma ação.
- c. POSSUIDOR/RECIPIENTE = entidade que recebe ou possui alguma entidade.
- d. ALVO = entidade para onde algo se move.

Abaixo, observamos alguns predicados com os números de argumentos (em itálico) e seus respectivos papéis temáticos, de acordo com Duarte (s/d):

(23) *O cachorro* morreu.

TEMA

(24) *Os meninos* tomaram *o suco*.

AGENTE TEMA

(25) O Pedro colocou a comida no micro-ondas.

AGENTE TEMA LOCATIVO

Em (23), temos um verbo monoargumental, ou seja, que seleciona apenas um argumento. Ele não seleciona argumento com a propriedade agentiva, mas argumento com o papel de tema/paciente. Em (24), o verbo *tomar* requer dois argumentos, um com capacidade de realizar tal ato, e outro que será tema, pois tem dois papéis a atribuir, sendo, portanto, um verbo de dois lugares. Em (25), temos um verbo de três lugares, com três papéis a atribuir: de agente, de tema e de locativo.

² Salientamos que não há uma lista fixa de papéis temáticos. Eles variam de autor para autor.

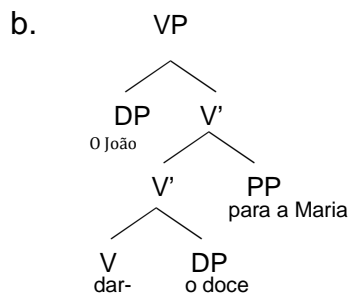
Discutindo a questão de sujeito como agente, Bonfim advoga que há um equívoco quando se concebe que todo sujeito é por natureza um agente, pois, segundo o autor, há verbos que selecionam um sujeito mas que não têm a propriedade agentiva. Estes verbos, o autor os classifica como intransitivos inativos, afirmando que o sujeito pode receber qualquer papel temático.

Na sequência de palavras abaixo é possível se observar como acontece a atribuição com o verbo *dar* da sequência em (26).

(26) O João dar o doce para a Maria.

A entrada lexical desse verbo deve especificar que esse item ocorre, obrigatoriamente com um DP e um PP, tal como ilustrado em (27):

(27) a. [_{VP} João [_{V'} dar o doce para a Maria.]]



O predicado *dar* atribui os papéis temáticos de agente, tema e benefactivo, para o DP *o João*, o DP *o doce* e o PP *a Maria*, respectivamente. A atribuição do papel de agente ao DP *o João* é realizada de maneira indireta, uma vez que não é apenas o verbo *dar* que lhe atribui esse papel, mas sim a sequência *dar o doce*, o que corresponde ao nível *V'* da representação em (27).

1.2.4 Atribuição de Caso

A Teoria Temática apresenta uma relação direta com a Teoria do Caso. Esta trata-se de um módulo da GG e, de acordo com Miotto et al. (2013) é necessária para que qualquer língua permita a interpretação temática dos DPs. Segundo a Teoria do Caso,

todos os DPs pronunciados em uma sentença recebem Caso, como enunciado pelo princípio do Filtro do Caso em (28).

(28) Filtro do Caso

Todos os DPs foneticamente realizados recebem um Caso abstrato.

Existe o Caso morfológico, o Caso semântico e o Caso abstrato. Em algumas línguas, o caso é marcado morfológicamente, como é no latim. Para o português, Miotto et al. (2013) afirmam que não há caso morfológico explícito e sim Caso abstrato. São três os casos tratados pelos autores:

(29) a. Nominativo (NOM): Atribuído pelo núcleo funcional I finito ao sujeito.

b. Acusativo (ACC): Atribuído pelo núcleo formado pelo verbo intransitivo para a posição de objeto na SS.

c. Oblíquo (OBL): Atribuído pelo núcleo formado pela preposição.

Estes três Casos são conhecidos como Casos estruturais. Cada um dos atribuidores só pode atribuir um caso por vez, quando há DPs para recebê-lo, com a atribuição podendo ser em configuração normal, ou excepcional sob regência. Consideremos a sentença em (20) para termos uma ilustração do funcionamento da atribuição de Caso:

(30) O João deu um anel para sua noiva.

(31) [IP João [I [VP deu [DP um anel [DP para sua noiva]]]]]

NOMINATIVO ACUSATIVO OBLIQUO

Segundo o princípio do Filtro do Caso, todo DP pronunciado deve receber um Caso. Como esquematizado em (31), o verbo *dar* pleno seleciona o DP *o João* como argumento externo e o DP *um anel* e o PP *para sua noiva* como argumentos internos. O argumento externo em posição de especificador (Spec de IP) do sintagma Flexional, recebe Caso Nominativo da Flexão. O argumento interno, *um anel*, recebe Caso Acusativo do verbo, enquanto o PP argumento interno *para sua noiva* recebe Caso Oblíquo da preposição.

Mioto et al. (p.173) ressaltam que esta teoria nada tem a dizer sobre as Categorias Vazias (ecs). Além disso, “este princípio também não se aplica a constituintes que não sejam do tipo DP, como o CP, o IP, o PP e assim por diante”.

A função de atribuir Caso recai sobre os núcleos de categorias em princípio (-N), ou seja, verbo, preposição e flexão verbal. Verbo atribui Acusativo; preposição atribui Oblíquo e a flexão atribui Nominativo. Cada um dos atribuidores descarregam apenas um Caso.

1.2.5 Categorias Vazias

O fenômeno das categorias vazias, doravante *ec* (do inglês *empty category*), trata-se de um constituinte foneticamente nulo na sentença, mas sintática e semanticamente presente. Este fenômeno realça a ideia de que existe, de fato, uma GU subjacente às gramáticas particulares, internalizada no falante, radicada em sua mente (cf KENEDY, 2013; MIOTO et al., 2013)

Duarte (1987), ao estudar as *ec*_s, cita o paralelismo feito por Chomsky (1986) entre uma categoria plena e uma categoria foneticamente não realizada, conforme se pode notar no quadro abaixo:

Combinação de traços	Categorias plenas	Categorias vazias
[+anafórico] [-pronominal]	Anáforas	Vestígio de NP
[-anafórico] [+pronominal]	Pronomes	<i>Pro</i>
[-anafórico] [-pronominal]	expressões referenciais	vestígios de Wh
[+anafórico] [+pronominal]		PRO

Quadro 1: Tipologia dos NPs (DUARTE, 1987)

Para esta pesquisa, interessam-nos, em particular, as categorias vazias *pro* e PRO, por hipotetizarmos estarem presentes na expressão “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade. A primeira tem semelhança com um pronome pessoal (pode substituir um NP referencial), e não é pronunciável. Rizzi (1986) assume que em línguas

consideradas *pro-drop*, como o italiano, onde os pronomes plenos são opcionais em frases flexionadas, a posição sujeito é ocupada por um pronome nulo do tipo *pro* que, também segundo o autor, pode ocupar a posição de objeto. Além disso, *pro* é apontado como sujeito dos verbos meteorológicos em língua de sujeito nulo, para que seja atendido o princípio do EPP.

Sabemos que a interpretação das frases não fica prejudicada pela ausência de material fonético que constituiria o sujeito ou o objeto. Observemos os exemplos em (32):

- (32) a. *pro* Procuo o livro.
a' Eu procuro o livro.
b. *pro* Choveu toda a noite.
c. [Rita₁] quer PRO₁ sair de férias.

Em (32a), temos uma *ec* do tipo *pro*. Miotto et al. (2013) explicam que este tipo de *ec* tem características de pronome pois, ao ser substituído por um pronome foneticamente realizado, não altera a gramaticalidade da sentença (32a'). Este mesmo tipo de *ec* ainda pode aparecer em contextos onde não é admitida a presença de um pronome foneticamente realizado (32b) para satisfazer ao EPP. A diferença entre o *pro* em (32a) e o *pro* em (32b) é que o primeiro é referencial (com papel temático), e o segundo é expletivo (sem papel temático). Em (32c), a *ec* é PRO que se caracteriza por não ser resultante de movimento e, não poder ser substituída por um DP lexical, e por ser sujeito de orações infinitivas não flexionadas (cf MIOTTO et al., 2013).

Lobato (1988), ao estudar a categoria vazia na posição de sujeito, observa que é o IP que atribui o Caso nominativo ao sujeito, porque a regra geral é nunca se ter um sujeito manifesto quando a oração não tem Tempo. Por outro lado, quando a oração tem tempo, existe uma escolha entre duas possibilidades: ou se ter sujeito expreso, ou lançar mão de uma categoria vazia na posição de sujeito.

Cyrino (1996) observa que podemos considerar o fenômeno da categoria vazia nas posições de sujeito e de objeto como uma questão pragmática, ou seja, tanto sujeito quanto objeto são facilmente detectáveis a partir de uma interpretação no contexto pragmático. Além do português, em inglês tal fato é bastante operacional, no que respeita à categoria vazia na posição objeto. Compare os exemplos trabalhados por Cyrino:

(33) a. Compre – !

b. Send – by mail. ('Envie pelo correio')

Tanto em (29a) quanto em (29b), o que será comprado e o que será enviado pode ser inferido através do contexto pragmático da comunicação que se está processando.

CAPÍTULO 2: ASPECTOS RELEVANTES PARA O ESTUDO SINTÁTICO DE “DAR+DE+V_{Inf}” COM LEITURA DE POSSIBILIDADE

2.0 Introdução

Neste capítulo, procura-se apresentar alguns estudos relevantes para a investigação da sintaxe das construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade. O primeiro ponto importante para se estudar uma sentença com o verbo *dar* é olhar para a estrutura argumental desse verbo. Isso implica, portanto, um estudo de interface com a semântica. Iniciamos este capítulo com estudo de Basílio et al. (*apud* LIZ (2005), a qual faz uma divisão entre *dar* pleno e *dar* com semântica relativamente vazia. Na sequência, apresentaremos estudos de autores como Scher (200, 2004) e Liz (2005), que investigam alguns usos semanticamente esvaziados de *dar*. Em seguida, aborda-se a sintaxe de *dar*, questão essa que nos leva a tratar de tópicos como inacusatividade, auxiliaridade, verbos leves e formação de predicados complexos.

2.1 O verbo dar: semântica e estrutura argumental

Para que possamos estabelecer a estrutura argumental do verbo *dar* nas construções “Dar+de+V_{Inf}” e, como consequência, o estatuto sintático e semântico dos elementos da sequência “-de+V_{Inf}”, é importante levar em consideração estudos sobre as propriedades semânticas e sintáticas de diferentes usos do verbo *dar* no PB.

No que diz respeito à semântica, Basílio et al. (*apud* LIZ, 2005) discutem o verbo *dar* fazendo uma divisão entre uso pleno e uso com semântica relativamente vazia. Uso pleno refere-se à estrutura conceitual do verbo correspondente à sua entrada lexical, ou seja, ao seu “significado habitual”. Por outro lado, o uso com semântica relativamente vazia refere-se a casos em que o verbo sofre alterações nos traços semânticos envolvidos na entrada lexical e, como consequência, é parcialmente esvaziado do seu significado habitual.

Outros autores (cf. DAVEL, 2009 e as referências lá citadas) fazem uma descrição das estruturas com verbo *dar* considerando a divisão entre verbo pleno e verbo suporte (ou leve). De acordo com Neves (1999a e 1999b *apud* DAVEL, 2009) verbos-suporte são aqueles “verbos que têm um significado bastante esvaziado e formam, juntamente com seu complemento (objeto direto), um significado global que, em geral, correspondem a um verbo pleno da língua”. Esse seria o caso de expressões como *dar um abraço*, a qual corresponde a *abraçar*. Por sua vez, “o verbo pleno mantém no predicado a identidade semântica individual de cada elemento, que são absolutamente livres”. Ou seja, em construções com verbo pleno, os constituintes predicado e argumento desempenham funções independentes na estrutura argumental e mantêm completa individualidade semântica.

Nas subseções 2.2.1 e 2.2.2, discutiremos alguns aspectos semânticos e sintáticos do verbo *dar* considerando a divisão entre dar pleno e outras semânticas de dar.

2.2 O verbo dar: considerações semânticas

2.2.1 O verbo dar pleno

Nas linhas de Jackendoff (1990), Basílio et al. (1994 *apud* LIZ, 2005) assumem que os papéis temáticos envolvem duas camadas relacionais, embora independentes: a camada temática e a camada acional. A camada temática envolve “o processo de movimento de um **tema**, que toma uma **direção** a partir de uma **fonte** para uma **meta**, e a presença ou não de um fator causador desse processo” (LIZ, 2005). A camada acional, por sua vez, estabelece a relação entre ator e paciente. Tal relação pode ser negativa, positiva ou neutra.

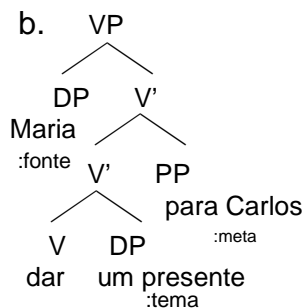
Nessa perspectiva, na entrada lexical o verbo *dar* tem a seguinte semântica, segundo Basílio et al.:

Dar corresponde a causar voluntariamente o Evento de transmissão de um objeto de um causador (e também ponto de partida) para o receptor, afetando-o positivamente. Uma das condições para que a transferência em DAR se processe é a obrigatoriedade de que tanto o causador/ator quanto o

receptor/afetado tenham traço ANIMADO. Basílio et al. (*apud* LIZ, 2005)

No que se refere à sua grade temática, o verbo *dar* pleno seleciona, portanto, três argumentos. Segundo Liz (2005), se adotarmos a terminologia de Baker (1997), podemos afirmar que *dar* atribui os três seguintes papéis: **fonte** (correspondente ao causador do evento), **tema** (correspondente ao objeto transmitido) e **meta** (correspondente ao receptor). A estrutura argumental e os papéis temáticos em jogo em uma frase como (1a), portanto, são aqueles ilustrados em (1b):

(1) a. Maria deu um presente para Carlos.



Além disso, segundo Basílio et al. (1994 *apud* LIZ, 2005), o verbo *dar pleno* envolve as noções semânticas abaixo elencadas:

- (2) - **causação**: presença de um agente que causa o movimento;
- **voluntariedade**: indicação de que o evento é causado voluntariamente;
 - **ponto de partida**: presença de um objeto ao qual se destina o movimento;
 - **animação**: característica do ponto de chegada e do ponto de partida.

(LIZ, 2005, p.51)

Consideremos os exemplos em (3), que ilustram casos de uso pleno do verbo *dar*.

(3) a. Juan deu o buquê de flores para sua mãe.

b. Juan deu o cachorro para seu irmão.

Nas frases acima, o verbo *dar* remete a um evento (voluntário) de transmissão de um objeto (o buquê de flores (3a) e o cachorro (3b)) de um causador (Juan), o qual é

também ponto de partida do movimento de transmissão, para um receptor (sua mãe (3a), seu irmão (3b)). O causador da transição e os receptores são dotados do traço [+animado] e, em termos de camada acional, observa-se uma afetação positiva do causador/agente em relação ao receptor/paciente.

2.2.2 Outras semânticas de dar

Em oposição ao uso pleno do verbo *dar*, Basílio et al. (*apud* LIZ, 2005) discutem uma série de variações semânticas desse verbo e as caracterizam como usos de *dar* com semântica relativamente vazia. Consideremos os dados:

- (4) a. dar opinião/notícia/palpite/dica/conselho
b. dar bronca/sermão/pito

- (5) a. dar beijo/abraço
b. dar soco/chute/pontapé/esbarrão/tapa

- (6) a. dar contribuição/auxílio/ajuda
b. dar trela/sopa/conversa/tempo/espazo/atenção

- (7) a. dar medo/pavor/problema/receio
b. dar prazer/ satisfação/alívio/alegria
c. O filme me deu medo.

Em (4a-b), o esvaziamento relativo da semântica de *dar* se deve ao fato de que o objeto deslocado é um *produto linguístico*, e não um objeto físico. Além disso, em (4b) a afetação é do tipo negativa, e não positiva, como ocorre no uso pleno de *dar*. Também em (5a-b) o relativo esvaziamento semântico é devido ao objeto, que pode ser definido como um *produto de um ato físico*. Outra diferença de (5) com relação ao uso pleno se refere à afetação negativa de (5b). Algo semelhante se verifica nos dados em (7): os objetos que se deslocam não são objetos físicos, mas entidades ainda mais abstratas que aquelas em (7) e (5). Junto ao verbo, podem manifestar uma afetação

neutra do causador do deslocamento (4a), exibindo, assim, uma outra diferença com relação ao uso pleno de *dar*. Nos dados em (7), além de se apresentar uma abstração do objeto deslocado, não se verifica voluntariedade do causador em provocar o evento de transmissão, e há possibilidade de o causador ser [-animado], como em (7c).

Nos dados ilustrados em (8) e (9) observamos outros tipos de esvaziamentos da semântica de *dar*.

(8) a. dar pulos/saltos/ passos

b. dar gritos/berros/guinchos/uivos

(9) a. dar recital/concerto/festa

b. dar início/partida/fim/andamento/continuidade

Diferentemente do uso pleno de *dar*, em (8a) o causador e o objeto deslocado coincidem, e o receptor desaparece. Em (8b), o objeto deslocado é *um produto fonador* do causador, e não necessariamente existe um receptor para ser afetado pelo evento de transmissão. Por fim, os dados em (9) se classificam como esvaziados semanticamente pelo fato de que em (9a) não ocorre o deslocamento de um objeto, mas sim de um evento. Em (9b), ademais, o receptor/ponto de chegada trata-se do próprio evento, cujo deslocamento é alterado pelo causador.

Conforme observa Liz (2005), apesar de os casos ilustrados acima constituírem usos com semântica relativamente vazia do verbo *dar*, “a estrutura conceitual básica [do *dar* pleno] se mantém, ainda que se tenha uma certa flexibilidade com relação ao ponto estrutural correspondente ao objeto ou coisa transferida”.

Scher (2004) estuda o verbo *dar* do PB em construções do tipo “dar e nominalizações em -ADA”, tal como ilustrado em (10):

(10) A Maria deu uma varrida na casa. (SCHER, 2004)

A autora coloca esse uso de *dar* na classe dos chamados verbos leves (do inglês *light verbs*). Trata-se de “um verbo tematicamente vazio, marcado para pessoa e tempo, ao qual se associa a um elemento nominal, responsável pela ideia ‘realmente importante’ da sentença, ou seja, pelo evento ou ação expresso por ela”. Vejamos um exemplo em (11):

(11) dar um chute. (= chutar)

Segundo a autora, o termo “verbo leve” foi cunhado por Jespersen em 1949. Ela trabalha com o mesmo conceito de “verbo leve” de Grimshaw e Mester (1988)³ e Dubinski (1997)⁴, embora os autores não utilizem este mesmo termo.

Scher (2002, 2006) cita alguns estudos formais que buscam classificar e conceituar os verbos leves. Seguindo Grimshaw e Mester (1988), ela observa que os verbos leves apresentam importantes características como:

- (i) o verbo principal é semanticamente vago;
- (ii) o complemento nominal tem como núcleo um nome de ação, em geral deverbal, que realmente predica sobre os eventos;
- (iii) há uma paráfrase entre a construção com verbo leve seguido de um nome e um verbo simples.

A partir de (ii), podemos concluir que o elemento nominal destas construções é responsável pela denotação da eventualidade (eventos, estados e atividades) relevante da oração. Isso pode ser ilustrado com o exemplo em (12):

(12) A Rita [deu uma olhada] no bolo. (evento = olhar)

Uma consequência dessa propriedade é que, em construções “dar e nominalizações em -ADA” como (11), repetida em (13), é o SN que determina a grade temática. Consideremos (13) com relação a (14): ao contrário do que acontece em (14), em (13) a exigência de um SN com papel de agente é feita pelo SN *varrida*.

(13) A Maria deu uma varrida na casa. (SCHER, 2004)

(14) A Joana deu uma moto de presente ao filho.

³ Apud Scher (2004).

⁴ Apud Scher (2004).

Os dados em (13) e (14) revelam que *dar* nas construções com *dar* leve exerce uma função distinta do *dar* pleno, pois é tematicamente vazio, embora em muitas construções conserve a grade argumental do pleno realizando-se como um predicado de três lugares.

Em Hook (1974)⁵ e em Abeillé, Godard e Sag (1998)⁶, os verbos leves são considerados como auxiliares, devido ao seu esvaziamento temático. No entanto, tal hipótese é refutada por vários pesquisadores, dentre eles Duarte (2006). A autora apresenta dois argumentos que distinguem os verbos leves dos auxiliares:

(i) os verbos auxiliares não impõem restrição semântica aos predicados a que se associam (48a), enquanto os verbos leves impõem (15b).

(15) a. O João tem admirado a persistência da Maria.

b.* O João faz uma admiração à persistência da Maria. (DUARTE, 2006)

(ii) os auxiliares não selecionam o sujeito, portanto, não lhe impõem restrições de s-seleção (cf. (15a-b)). O sujeito da frase é selecionado tematicamente pelo verbo principal. Já caso dos verbos leves, por sua vez, têm participação na seleção temática do sujeito.

(16) a. A casa tinha caído.

b. O João tinha caído. (DUARTE, 2006)

(17) a. O João tem amigos estrangeiros.

b. *A pedra tem amigos estrangeiro

Do que vimos até aqui sobre os estudos de Scher (2001, 2003), podemos constatar que, se adotamos a descrição de Basílio et al. (1994 *apud* LIZ, 2005) para uso pleno de *dar* e a descrição de Scher (2002, 2004) para as construções “dar e nominalizações em -ADA”, podemos concluir que neste último caso estamos às voltas com um uso de *dar* com semântica relativamente esvaziada.

⁵ Apud Duarte (2006)

⁶ Apud Duarte (2006)

Os trabalhos de Scher (2002, 2004) se debruçam sobre as construções “dar e nominalizações em –ADA” do tipo deverbal. Porém, elas podem ser também do tipo denominal. Consideremos os exemplos em (18), extraídos de Liz (2005).

- (18) a. A Maria deu uma pensada na proposta.
b. A Ana deu uma bolsada no Pedro.

Em (18a) o elemento *pensada*, que contém o sufixo –(a)da, deriva de um verbo, o que a caracteriza como uma construção deverbal. Em (18b), por outro lado, o NP *bolsada* deriva de um nome e, por isso, se trata de uma construção “dar uma X-(a)da” denominal. Liz (2005), portanto, amplia a investigação sobre o verbo *dar* nas construções “dar e nominalizações em –ADA”, investigando também as versões denominais. Em seu trabalho, as construções em (18) são denominadas como “construções “dar uma X(a) da”,

Como observa Liz (2005), enquanto no uso pleno de *dar* tem-se um evento de transmissão de um causador de um objeto a um receptor que o afeta positivamente, a construção deverbal em (18a) contém um causador (Maria) que causa um evento (pensada). Aqui, tem-se uma afetação neutra (cf. LIZ, 2005). Na construção denominal em (18b), por outro lado, o causador (Maria) causa um evento (bolsada). Nesse caso, está em jogo uma afetação negativa sobre o receptor.

Liz (2005), fornece ulteriores dados sobre as construções “dar uma X(a)da” (ou “dar e nominalizações em –ADA”, nos termos de Scher) que mostram que essas se diferenciam das sentenças com *dar* pleno com relação aos papéis temáticos. Dados como os em (19) mostram que, nas construções “dar uma X(a)da”, não parece ser *dar*, ou apenas este predicado, o responsável pela atribuição temática.

- (19) a. Maria deu uma telefonada pro Pedro.
b. A Maria deu uma telefonada.
c.*A Maria deu um presente

Se nas construções “dar uma X(a)da” o verbo *dar* fosse o responsável pelos papéis temáticos, uma sentença como (19b) deveria ser agramatical, assim como o é (19c), pois o *dar* pleno atribui três papéis temáticos. A autora hipotetiza que “[...] nesta construção (19b), não apenas a forma nominalizada mas toda a expressão [dar uma X-

(a) *da*] é responsável pela seleção dos argumentos que comporão a cena, já que sabemos que [dar uma telefonada] exige apenas um argumento, uma propriedade de seleção do verbo que serve de base para a nominalização [...]”. A autora mostra os dados em (20) e (21) para reforçar a sua hipótese:

(20) a. *A pedra deu um bolo para o João.

b. *O João deu um bolo pra pedra.

c. *A pedra deu um presente pra cama.

(21) a. O copo deu uma trincada.

b. *João deu uma trincada. (Ok se for no copo).

c. O livro deu uma rasgada.

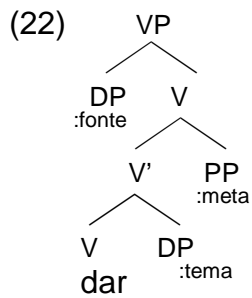
d. *O João deu uma rasgada. (Ok se for em algum objeto rasgável)

Em (20), todas as frases são agramaticais porque o argumento externo com o papel temático fonte/causador (20 a/c) e o argumento interno (20b) com papel de meta possuem traço [-animado], ao passo que o *dar* pleno exige que esses sejam [+animados]. Por outro lado, em construções [dar uma X-*da*] como (21a) e (21c) é possível ter elementos [-animados] antecedendo o verbo *dar* não-pleno. A notar que estes são compatíveis com a semântica das formas nominalizadas *trincada* e *rasgada*⁷. Isso comprova, portanto, que nessas construções, as formas nominalizadas, e não apenas o verbo *dar*, são responsáveis pela atribuição de papéis temáticos.

2.3 Dar e questões sintáticas

Como vimos na subseção 2.2.1, o verbo *dar* pleno possui uma estrutura argumental que pode ser representada como em (22):

⁷ Note-se, em (21b) e (21d), que, se o elemento que antecede *dar* for incompatível com a forma nominalizada, a frase será agramatical. Isso mostra, mais uma vez, a importância da forma nominalizada na atribuição de papel temático.



Através de estudos como o de Liz (2005) e Davel (2009), constatamos que há certos usos de *dar* que, em vez de três argumentos, envolvem dois argumentos, como é o caso das frases dos exemplos repetidos em (23):

- (23) a. dar medo/pavor/problema/receio
 b. dar prazer/ satisfação/alívio/alegria
 c. O filme me deu medo.

O verbo *dar* das construções “Dar+de+V_{Inf}”, em virtude de sua semântica, não se enquadra em nenhuma nas análises acima. Além disso, as construções “Dar+de+V_{Inf}” parecem exibir uma diferente possibilidade de grade temática: com apenas um argumento, a sequência –de+V_{Inf}. Vale observar que a representação em (22) e os dados em (23) não vislumbram essa possibilidade de grade temática. Assim, para estabelecermos a estrutura sintagmática do verbo *dar* das construções “Dar+de+V_{Inf}”, faz-se relevante lançar mão da noção de monoargumentalidade e, em conexão, do fenômeno da inacusatividade.

2.4 Verbos Monoargumentais: inergativos e inacusativos

Conforme Burzio (1986, p.20), Perlmutter em (1978), constatou que os verbos monoargumentais não são homogêneos em sua classificação. Sua constatação o levou a propor a Hipótese da Inacusatividade (*Unaccusativity Hypothesis*) no âmbito da Gramática Relacional. Diante desta hipótese, o pesquisador dividiu os verbos intransitivos em duas classes distintas: os inacusativos e os inergativos:

- (24) a. Giovanni arriva. (italiano)
b. Giovanni arrive. (francês)
c. Giovanni arrives. (inglês)
'Giovanni chega' (português)

- (25) a. Giovanni telefona. (italiano)
b. Giovanni telephone.(francês)
c. Giovanni telephones.(inglês)
'Giovanni telefona' (português)

(BURZIO 1986, p.20)

Em (24), temos o verbo *arrivare* (*chegar*), que seleciona somente argumento interno, já em (25) a seleção de *telefonare* é de um argumento externo. Enquanto em (24) é possível a seleção de um argumento com traço (-humano), em (25) não há tal possibilidade.

Os verbos inergativos, como os representados em (25), são verbos de ação (*nadar, caminhar*), por isso, exigem um argumento externo com interpretação agentiva. Por sua vez, os inacusativos causam uma mudança de estado/local (*morrer, envelhecer, haver, etc.*) e exigem apenas argumento interno (objeto/complemento), que será tema.

Na década seguinte ao trabalho de Perlmutter (1978), Burzio (1986) adota a Hipótese da Inacusatividade deste pesquisador, ancorado na Gramática Gerativa (Modelo da Teoria Regência e Vinculação). A hipótese nas generalizações de Burzio recebe novo nome: Hipótese Ergativa.

Burzio elenca algumas propriedades dos verbos inacusativos/ergativos: (i) possuem apenas um argumento gerado internamente ao VP; (ii) não atribuem Caso acusativo a esse argumento; e (iii) não atribuem o papel temático externo. De acordo com a hipótese de inacusatividade, temos as seguintes representações sintáticas para as duas classes de verbos intransitivos:

- verbo inergativo:

(26) O Pedro telefonou.

[VP NP]

- verbo inacusativo:

(27) Chegou a carta.

[V NP]

Para adquirir Caso nominativo da flexão, o único argumento do verbo inacusativo/ergativo pode se mover para a posição de Spec de IP, como ilustrado em (28):

(28) A carta_i chegou t_i.

Burzio recorre a várias línguas para comprovar a proposta inacusativa que distingue as duas classes de verbos monoargumentais. No italiano, por exemplo, tem-se o fenômeno da seleção dos auxiliares *essere* (ser) a *avere* (ter), que comprova a distinção das duas classes. Para os verbos monoargumentais do tipo *telefonare* (telefonar) a exigência será pelo auxiliar *avere*, enquanto com verbos como *arrivare* (chegar) o auxiliar usado é o *essere*.

(29) a. Maria ha telefonato. (italiano)

b. *Maria è telefonata. (francês)

'Maria telefonou' (português)

(MIOTO et al. 2013, p.161)

(30) a. *Maria ha arrivato. (italiano)

b. Maria è arrivata. (francês)

"Maria Chegou" (PB)

(MIOTO et al. 2013, p.161)

Como afirma Burzio (1986 p.21), a boa reação à inversão de posição do argumento interno é uma outra das características dessa classe de verbos. Observe em (31):

(31) a. A carta chegou.

b. Chegou a carta.

O PB não apresenta fenômenos morfológicos como o da seleção de auxiliares. Mesmo assim, é possível constatar a divisão entre verbos inergativos e inacusativos

recorrendo a testes que envolvam argumentos com diferentes propriedades semânticas [+/- animado) +/- abstrato)]. Mioto et al. (2013) afirmam que:

[...] um DP só pode ser argumento de um núcleo se este núcleo lhe atribui papel temático; um núcleo impõe pesadas restrições de natureza temática sobre o DP que é selecionado por ele. (p.150)

Com base, nisso propõem uma comparação em uma série de exemplos como em (32) e em (33):

(32) a. O cachorro parece gostar do patrão.

b. A pedra parece pairar no vazio.

c. A felicidade parece ter acabado.

d. Parece chover na Ilha.

(33) a. ??O cachorro deseja gostar do patrão.

b. *A pedra deseja pairar no vazio.

c. *A felicidade deseja acabar.

d. *Deseja chover na Ilha.

(MIOTO et al., 2013; p. 150)

Ao analisar as sentenças com o verbo *desejar* (33), os autores observam que este não aceita os sujeitos com traço (-animado). Por sua vez, o verbo *parecer* em (32) reage bem aos diferentes conteúdos semânticos dos sujeitos que lhes são colocados. Isso mostra que o verbo *parecer* não impõe restrições de natureza semântica ao argumento que o antecede. Em outras palavras, ele não seleciona um argumento externo.

Além das características apontadas por Burzio (1986) e dos testes descritos por Mioto et al. (2013) para identificar os verbos inacusativos em PB, citamos os testes realizados por Eliseu (1986) no Português Europeu e adaptados por Círiaco e Cançado (2004) para o PB. O primeiro teste é de cunho semântico. Círiaco e Cançado (2004) citam Cançado (2003, 2005b), quanto à rede⁸ temática dos verbos inergativos e ergativos:

⁸ As autoras usam o termo “rede temática” para se referirem a “grade temática” dos verbos.

(34) a. **Desencadeador:**

Propriedade acarretada pelo verbo a seu argumento quando este argumento possui algum papel no desencadear do processo.

b. **Afetado:**

Propriedade de mudança de estado acarretada pelo verbo a seu argumento, ou seja, se o verbo acarretar mudança de um estado A para um estado B a um argumento, este será associado à propriedade de afetado.

A propriedade de desencadeador, segundo as autoras, deve estar presente nos verbos inergativos, enquanto a propriedade de afetado deve estar nos ergativos/inacusativos. O exemplo (35) ilustra isso:

(35) a. João chegou de repente.

b. João correu ontem. (CÍRIACO e CANÇADO, 2004)

Para (35a), temos *João* que muda de estado: estava em uma determinada posição e foi para outra, de A para B, sem desencadear o processo de chegada, pois *chegar* apresenta somente a culminância da atividade, como afirmam as autoras. Portanto, *chegar* apresenta a propriedade de afetado. Em (35b), temos um elemento que, ao mesmo tempo em que desencadeia um processo, é também afetado por ele, apresentando, assim, as duas propriedades: afetado e desencadeador. Isso faz de *correr* um verbo inergativo.

Outra propriedade semântica para testar a inergatividade/ergatividade citada pelas autoras é o *aspecto*, segundo a classificação aspectual de Vendler (1967 *apud* CÍRIACO e CANÇADO, 2004). Verbos estativos, de atividades, *achievements* e *accomplishments* são assim descritos:

Os *achievements* são verbos pontuais não durativos, que se referem apenas ao ponto final de um evento. Já os verbos de atividades caracterizam-se por se referir ao tempo transcorrido desde o início do evento, sendo durativos, mas atéticos, não visam a alcançar o ponto final ou meta de um evento – ao contrário dos predicados de *achievement* – e podem exprimir uma leitura repetitiva.

Segundo as autoras, “processualmente, sabe-se que os verbos inacusativos são entendidos como aqueles que visam apenas ao ponto final do evento. Portanto, os

inacusativos apresentam predicado *achievement*. Para checar tal propriedade aspectual, é utilizado o teste de adição da expressão *por X minutos* à sentença apoiadas em (cf. Vendler, 1967; Dowty, 1979; Verkuyl, 1989):

(36) a. * João chegou por 15 minutos.

b. João correu por 15 minutos. (CÍRIACO e CANÇADO, 2004)

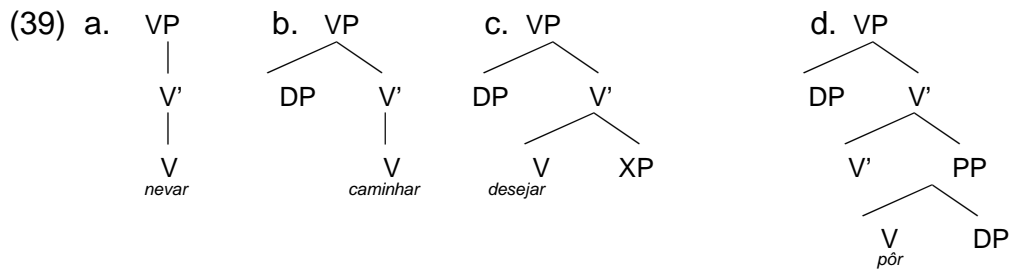
Em (36a), o verbo *chegar*, que indica uma atividade pontual, não aceita a expressão *por X minutos*. Por outro lado, o verbo *correr* apresenta uma ação durativa e, por isso, aceita tal expressão, o que confirma sua inergatividade.

Círiaco e Cançado ainda realizam outros testes de inacusatividade. Além da inversão do sujeito, já mencionada anteriormente em Burzio (1986), seguindo Belletti e Rizzi (1988) recorrem à indeterminação do sujeito, que não é aceita pelos verbos inacusativos, sendo uma propriedade restrita aos verbos agentivos (cf. 37). Outro teste, também adaptado de Eliseu (1986) é o do particípio absoluto (cf. 38) que, segundo as autoras, é “um diagnóstico mais preciso para a constatação da inacusatividade [...]”. Isso porque o particípio absoluto só ocorre com objetos, e o único argumento dos inacusativos é um objeto em estrutura profunda.

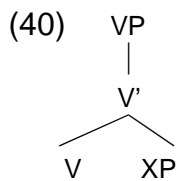
(37) *Chegaram muito ontem.

(38) Chegadas as cartas, pude descobrir a razão de tanta tristeza. (CIRÍACO e CANÇADO, 2004) 71

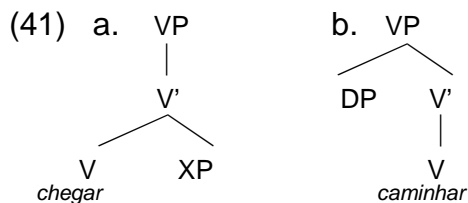
Conforme Mito et al. (2013), a Gramática Tradicional não trabalha com esta divisão dos verbos intransitivos/monoargumentais. Para este tipo de estudo da língua portuguesa, existem apenas verbos intransitivos (39b), que selecionam um argumento externo, transitivos, que selecionam dois argumentos (39c) ou três argumentos (39d), e verbos que não selecionam nenhum argumento (39a):



Com a gramática formal, passou-se a trabalhar com a hipótese da existência de verbos com a representação em (40):



Em suma, para a hipótese da inacusatividade, temos duas representações para os verbos monoargumentais, conforme Miotto et al.:



Os testes de inacusatividade apresentados acima serão cruciais para o nosso estudo na medida em que nos permitirão verificar que tipo de verbo monoargumental as construções “Dar+de+V_{Inf}” envolvem. Outros tópicos relevantes para nosso estudo são a noção de auxiliaridade e a de predicados complexos, que apresentaremos nas subseções seguintes.

2.5 A noção de auxiliaridade

A noção de auxiliaridade é um ponto controverso entre linguistas, devido às dificuldades em se definir o que é um verbo auxiliar, bem como quais são as características dos componentes verbais em que ele aparece. O trabalho de Pontes

(1973), por exemplo, evidencia essa dificuldade. A autora assinala o problema da classificação dos verbos auxiliares remetendo-se à “falta de definição rigorosa dos termos” e, além disso, ao “emprego, por autores diferentes, de termos idênticos com significados diferentes” (p.15). Ao se debruçar sobre esses problemas, a autora faz uma análise do que dizem alguns gramáticos e percebe a dificuldade de distinção, por exemplo, entre tempos compostos, conjugação perifrásticas e locuções verbais⁹.

Em meio a essa problemática sobre auxiliaridade verbal, Lunguinho (2011) define verbo auxiliar como “verbos que se combinam com a forma não finita de um outro verbo para exprimir os mais variados conceitos, tais como, tempo modo, aspecto e voz” (p.11). O autor elenca o seguinte conjunto de propriedades definidoras para os auxiliares em português:

- a) Natureza verbal [+V, -N]
- b) Impossibilidade de atribuição de papel temático
- c) Formação de um único domínio oracional com o verbo principal

Em seu trabalho de 2011, o autor propõe alguns testes para checar se um verbo é auxiliar. Vejamos a seguir:

A) Impossibilidade de complementação finita. Segundo o autor, verbos auxiliares não aceitam complemento finito. Para checar esse critério, observemos os dados abaixo (42), que envolvem o verbo *ter*, que é um protótipo de verbo auxiliar:

- (42) a. Tinha sobrado muita comida na festa.
b. *Tinha [de/que sobrava] muita comida na festa.

B) O sujeito deve ser único no complexo “auxiliar + verbo não finito”. Tal exigência decorre do fato de que verbos auxiliares não selecionam sujeito; apenas o verbo principal que o seleciona, como mostra (43):

- (43) a. O João tinha comido a torta.
b.* O João tinha a menina comido a torta.

⁹ Tal confusão terminológica também foi apontada por Sousa (1998), que ressalta ainda a falta de uniformidade na utilização dos critérios para a identificação dos auxiliares.

C) Impossibilidade de negação com escopo sob a forma não flexionada com verbos auxiliares, como mostra (44b), em contraste com (44a):

(44) a. Os turistas não vão chegar hoje.

b. * Os turistas vão não chegar hoje. (LUNGUINHO, 2011)

D) Impossibilidade de ocorrência de adjuntos adverbiais com valores temporais diferentes com verbos auxiliares:

(45) a. Amanhã, me lembrarei de hoje.

b. *Hoje, vou viajar amanhã.

E) Transparência de voz: há uma correspondência entre a ativa e a passiva, como mostram os exemplos em (46).

(46) a. O vendedor vai entregar o troco ao comprador.

b. O troco vai ser entregue ao vendedor pelo comprador. (LUNGUINHO, 2011)

F) Ausência de restrição de seleção quanto ao sujeito: verbos auxiliares não impõem restrição de seleção ao sujeito.

(47) a. *A pedra está doente.

b. *A pedra irá falar no plenário.

Note que a restrição está sendo imposta pelo núcleo do predicado que o segue, e não por *estar* ou *ir*.

G) Ausência de restrição de seleção quanto ao tipo aspectual de complemento, como mostram os dados em (48).¹⁰

¹⁰Lunguinho (2011) descartou este teste pois, para o autor, ele não é definidor de um verbo auxiliar, servindo apenas para testar seu grau de gramaticalidade. Porém, para esta pesquisa, que trabalha com um verbo que apresenta comportamento lexical e funcional, optamos por manter tal teste, por acreditarmos que dar nas construções “Dar+de+V_{inf}” passou ou está passando por um processo de gramaticalização. Entendemos gramaticalização como um processo de mudança categorial de um item

(48) O João começou a correr (atividade) / ler o livro (accomplishment) /
descobrimdo a solução (achievement) / sendo o herói da turma (esta

l) Ausência de flexão com verbos no infinitivo¹¹: ao ser flexionado o infinitivo, a
sentença se torna agramatical.

(49) *Os turistas vão viajarem.

2.6 Predicado Complexo

Predicado é um elemento nuclear na frase que contém informação acerca do
sujeito¹². Eles podem ser simples, como em (50a), ou complexos, como em (50b):

(50) a. Rita estudou.

b. O João tem gostado do curso.

Porém, como observa Rech (2011 e referências lá citadas), nem todos os verbos
podem envolver predicados complexos. A autora observa que os verbos que podem
formar predicados complexos são os modais, os aspectuais, os de movimento, e
alguns verbos de controle. Muitos verbos desta última classe verbal selecionam
argumento externo, impedindo o movimento do objeto para esta posição, o que é uma
das principais características de predicado complexo para as línguas românicas e que
também se aplica ao PB.

lexical que sofre uma erosão semântica, perdendo propriedades em detrimento de outras, ganhando
novas formas e funções, coexistindo com a antiga forma e passando de item lexical a item gramatical (cf.
CÂMARA j., 1991).

¹¹ Este teste se aplica apenas às sentenças com auxiliar que selecionam InfP, como é o caso do verbo
que constitui a expressão foco de nosso estudo.

¹² Neste trabalho, adotamos a concepção de sujeito da Gramática Gerativa, segundo a qual o sujeito
pode receber qualquer Papel Temático, e não apenas o papel de agente, conforme a tradição gramatical
normativa.

Na gramática gerativa, os predicados complexos integram estruturas diferentes que se caracterizam pela presença de um verbo transitivo, um verbo intransitivo ou inacusativo, acompanhado de um elemento chamado predicativo (PEREIRA, 2005).

Para diagnosticar um predicado como complexo no PB, Rech (2011) cita as principais características deste fenômeno: (i) a apassivação do verbo encaixado (53b), (ii) o movimento-*tough*, ilustrado com sentenças do espanhol (85) e o movimento do objeto da encaixada:

(85) a. Pedro tenta/consegue/quer/trata de/deseja ajudar *essas crianças*.

b. *Essas crianças* são fáceis de tentar/conseguir/querer/tratar de/desejar ajudar.

(86) Estas casas son fáciles de empezar a pintar ec.

'Estas casas são fáceis de começar a pintar'. (FUKUDA *apud* RECH, 2011)

Como se pode notar nos exemplos acima, os verbos que permitem a construção de um predicado complexo têm predicação incompleta e necessitam de uma extensão de um outro verbo ou de um nome, em geral deverbal, para completar seu significado (RECH, 2011).

CAPÍTULO 3: AS CONSTRUÇÕES “DAR+DE+V_{Inf}” COM LEITURA DE POSSIBILIDADE

3.0 Introdução

Neste capítulo, descreveremos e analisaremos as sentenças “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade do PB falado de Boa Vista/RR. Considerando um panorama mais amplo, observa-se que as construções “Dar+de+V_{Inf}” podem se manifestar de diferentes formas: sem elemento antecedendo o verbo *dar* (1), com um sintagma antes desse verbo (2). Nesse último caso, há uma subdivisão: a posição de objeto na frase infinitiva encaixada, que é co-referente ao elemento que antecede *dar* (*João*), pode ser vazio, como no exemplo (2a), ou pode ser preenchido por um pronome (clítico ou não), conforme ilustrado em (2b-c):

- (1) a. Deu de enganar o João.
b. Deu de a Maria enganar o João.
- (2) a. O João deu de enganar.
b. O João, deu de enganar ele.
c. O João, deu de enganá-lo.

Algumas das estruturas em (1) e (2) podem ter duas interpretações. (2a), por exemplo, pode ter uma leitura de “adquirir o hábito, começar, principiar”, e nesse caso seria parafraseada por *O João começou a enganar*. Além disso, pode ter uma leitura de possibilidade, sendo parafraseada por uma frase como *Foi possível enganar o João*. Por outro lado, frases como (2b-c) apresentam duas possibilidades no que se refere à referência pronominal: os pronomes *lo* e *ele* podem se referir seja a *João*, seja a algum elemento no discurso. A notar que também (2) pode apresentar dupla possibilidade de referência se considerarmos que a categoria vazia em posição de objeto do verbo

enganar se refere a um elemento presente no discurso, um tópico, como no diálogo abaixo:

(3) A: Como vocês conseguiram fazer uma festa sem convidar o Pedro?

B: Foi fácil, deu de enganar *ec.*

O presente estudo se concentra nas sentenças “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade sem sintagmas que antecedam o verbo *dar*. Ou seja, nosso objeto de estudo serão frases como aquelas em (2), que inicialmente esquematizaremos como em (4):

(4) a. Deu + de + [InfP enganar o João]

b. Deu + de + [InfP a Maria enganar o João]

Em geral, o que se tem discutido (não sistematicamente) sobre essas sentenças refere-se ao verbo *dar*. Esse deve reger a preposição *para*, e não a preposição *de*. Conforme observamos na introdução desta dissertação, frases como (1), com a sequência “Dar+de+V_{Inf}”, frequentemente são avaliadas como “erradas” pelos falantes, ao passo que as alternativas em (5), com a preposição *para*, são as estruturas consideradas corretas.

(5) a. Deu para/prá enganar o João.

b. Deu para/prá a Maria enganar o João.

Como também vimos no início do nosso trabalho, as variantes em (2) ocorrem no português falado em outras partes do Brasil, como no sul e no sudeste. Ela também é produzida em Boa Vista/RR, mas a variante mais recorrente é a com preposição *de* introduzindo a sentença infinitiva.

Para além da questão da preposição, “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade apresenta uma série de aspectos interessantes a serem estudados, alguns dos quais elencamos a seguir.

A) A estrutura argumental do verbo *dar*: como acenamos no capítulo 2, o verbo *dar* das construções “Dar+de+V_{Inf}” vislumbra uma possibilidade de estrutura argumental não

muito abordada na literatura para esse tipo de verbo, ou seja, a estrutura de apenas um argumento.

B) O tipo de monoargumentalidade de *dar*: também observamos no capítulo 2 que existem dois tipos de estruturas verbais monoargumentais: a inergativa e a inacusativa. É preciso, portanto, verificar qual desses dois tipos de estrutura o verbo *dar* apresenta. Essa tarefa, além disso, implica avaliar a hipótese de o verbo *dar* ser um verbo leve.

C) Papéis temáticos e Casos: uma decorrência do estudo dos itens A e B é a análise dos papéis temáticos atribuídos aos argumentos das sentenças “Dar+de+V_{Inf}”, assim como as atribuições de Caso aos DPs pronunciados.

D) A formação de predicado complexo: como veremos adiante, alguns comportamentos das estruturas “Dar+de+V_{Inf}” nos levam a levantar a pergunta se tais estruturas envolvem ou não uma formação de predicados complexos.

E) A categoria vazia na posição de sujeito da frase: “Dar+de+V_{Inf}” pode aparecer sem um sintagma pleno na posição de sujeito. Isso implica que, para satisfazer o EPP, discutido na seção 1.2.5 do capítulo 1, tal construção deve envolver uma categoria vazia. Assim, para propor uma representação sintática de “Dar+de+V_{Inf}”, faz-se necessário investigar a tipologia da categoria vazia em jogo nesse tipo de sentença.

F) A concordância do verbo *dar*: outro aspecto de interesse em torno das construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade refere-se aos padrões de concordância que elas manifestam. Assim, além de uma sentença como (6), no PB falado de Boa Vista são produzidas sentenças como (7), que exibem concordância do verbo *dar* com um elemento interno ao InfP complemento.

(6) *Dá* de construir duas casas nesse terreno.

(7) Dão de construir duas casas nesse terreno.

Nesta dissertação, concentrar-nos-emos nos itens citados de A à E, deixando o item F para uma pesquisa futura. Dessa forma, este capítulo se organiza da seguinte

forma: na seção 3.1, abordaremos a estrutura argumental de *dar* em *Dar+de+V_{Inf}*”, levando em consideração as exposições sobre a estrutura verbal desse verbo feitas nas seções 2.1 e 2.2 do capítulo 2. Em seguida, em 3.2, trataremos da questão da monoargumentalidade de *dar* e, em conexão, exploraremos a possibilidade de esse ser um verbo do tipo leve. Na seção 3.3, testaremos a possibilidade de as expressões “*Dar+de+V_{Inf}*” envolverem um predicado complexo, atentando para as características dessa predicação apresentadas na seção 2.6 do capítulo 2. Por fim, a seção 3.4 discute a tipologia da categoria vazia presente em “*Dar+de+V_{Inf}*” com leitura de possibilidade.

Quanto aos dados de sentenças “*Dar+de+V_{Inf}*” com leitura de possibilidade discutidos nas seções seguintes, parte deles referem-se a sentenças coletadas em situações de interação não controladas, em contextos formais e informais de uso do PB de Boa Vista¹³. Nosso objetivo não foi quantificar essas orações, mas simplesmente obter um conjunto de dados de produção espontânea para nossa análise. A outra parte de dados de “*Dar+de+V_{Inf}*” com leitura de possibilidade diz respeito a dados criados por nós e apresentados a falantes do PB de Boa Vista¹⁴ para obter juízos de gramaticalidade. Para diferenciar esses dois tipos de dado, cada vez em que exemplificarmos uma sentença “*Dar+de+V_{Inf}*” com leitura de possibilidade produzida espontaneamente por um falante, usaremos entre parênteses a abreviação PEF (Produzida Espontaneamente por um Falante).

3.1 A estrutura argumental de dar em “*Dar+de+V_{Inf}*” com leitura de possibilidade

Como vimos na seção 2 do capítulo 2, no que se refere à sua semântica, é possível dividir o verbo *dar* em seu uso pleno e com outras semânticas (relativamente esvaziadas).

Consoante com Basílio et al. (1994 *apud* LIZ, 2005), o verbo *dar* pleno corresponde a causar voluntariamente um evento de transmissão de um objeto de um causador para o receptor, afetando-o positivamente. Além disso, uma das condições

¹³ O fato de “*Dar+de+V_{Inf}*” com leitura de possibilidade acontecer em ambientes formais, além dos informais, é um dado interessante para mostrar que ela é uma expressão fortemente presente no PB oral de Boa Vista/RR.

¹⁴ Embora tenhamos procurado coletar dados de falantes nascidos em Boa Vista/RR, também não excluímos sentenças de falantes que chegaram à cidade ainda no período de infância.

para que tal transferência ocorra é que tanto o causador quanto o receptor tenham traço [+animado]. Trata-se de um verbo de três argumentos cujos papéis temáticos são fonte (correspondente ao causador do evento), tema (correspondente ao objeto transmitido) e meta (correspondente ao receptor).

Por outro lado, como observa Liz (2005), nas ocorrências com semântica relativamente esvaziada de *dar*, o verbo é alterado em seus traços semânticos. Todavia, a estrutura conceitual básica se mantém, sendo variantes aspectos como os traços do objeto transmitido e o tipo de afetação do causador sobre o receptor. Esse seria o caso de frases como *A Maria deu um abraço no João* e *O filme deu medo*, em que se mantém a noção de transmissão do *dar* pleno. Uma característica desse uso do verbo *dar* é que tal verbo, muitas vezes, em vez de três argumentos, envolve dois.

Notamos que no caso das estruturas “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade o uso do verbo *dar* apresenta comportamento distinto das ocorrências acima mencionadas. Consideremos o exemplo em (8):

(8) a. Dá [_{InfP} de comprar uma bolsa bem bonita na feira do Buritis]

Nesse caso, *dar* não é um verbo pleno pois, para dizer o mínimo, não apresenta um causador que transmite um objeto a um receptor. Não se trata tampouco de uma ocorrência com semântica esvaziada, dado que a noção de transmissão não está presente. Nessas estruturas, o verbo *dar* é responsável pela leitura de possibilidade do InfP complemento introduzido pela preposição *de*, o qual que se caracteriza por ser o argumento interno desse verbo.

Observemos as situações seguintes, a fim de analisarmos melhor as propriedades argumentais de *dar* em “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade:

Situação A: na secretaria de uma escola, a secretária imprime um documento, carimba e, após fazer isso, comenta:

(9) *Aqui não dá de ler nada...vou ter que imprimir de novo.* (PEF)

Situação B: crianças voltando da escola em dia muito chuvoso. O ônibus passa em uma rua alagada, e uma criança se levanta e fala para os coleguinhas:

(10) Olha quanta água! *Dá de mergulhar...*

(PEF)

As frases em (9) e (10) ajudam a perceber uma propriedade marcante das construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade: o verbo *dar* não apresenta argumento externo. No exemplo em (11), temos um caso de Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade em que um sintagma aparece antecedendo o verbo *dar*:

(11) O livro deu de comprar.

Porém, tal dado não leva à conclusão de que o verbo *dar* seleciona argumento externo. Isso porque, como podemos observar em (12), o sintagma pré-verbal de (11) pode ser retomado por um pronome resumptivo:

(12) a. O livro_i, deu de comprar ele_i

b. O livro_i, deu de comprá-lo_i.

Esse fato sugere que, quando *dar* de “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade possui um elemento que o precede, tal elemento é um sintagma topicalizado. Sabemos que, em PB, os elementos topicalizados podem ser retomados por uma categoria vazia, além de pronomes resumptivos, como em (12a-b). O exemplo em (13), adaptado de Miotto (2001), ilustra essa possibilidade

(13) As flores, o João vai dar *ec* para a noiva. (MIOTTO, 2001)

(14) O livro_i, deu de comprar *ec*

Assim, podemos concluir que sentenças “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade como (11) se tratam de estruturas de tópico com resumptivo nulo, tal como ilustrado em (12) e, portanto, não são estruturas em que o verbo *dar* seleciona um argumento externo.

A ausência de argumento externo, somada ao fato de que o verbo *dar* seleciona um argumento interno, que corresponde à sequência a sequência “-de+V_{Inf}”, nos leva a explorar a hipótese de que o *dar* de “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade seja um

verbo monoargumental do tipo inacusativo. Na próxima seção submeteremos *dar* a tal hipótese.

3.3 A monoargumentalidade de *dar* em “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade

Na seção 2.4 do capítulo 2, apontamos um conjunto de testes que servem para identificar os verbos inacusativos no PB, recorrendo a autores como Círiaco e Cançado (2004) e Miotto et al. (2013), os quais tomam como ponto de partida o estudo de Burzio (1986) acerca da Hipótese da Inacusatividade. Retomemos as propriedades dos inacusativos elencadas por Burzio:

- (i) possuem apenas um argumento gerado internamente ao VP;
- (ii) não atribuem Caso acusativo a esse argumento;
- (iii) não atribuem o papel temático externo.

Consideremos, agora, as situações seguintes:

Situação C: dono de uma obra conversando com o pedreiro, faz a pergunta em (15). O pedreiro responde com (16).

(15) Tô pensando em fazer uma parede assim...será que *dá de fazer*?

(16) *Dá de fazer* sim. (PEF)

Situação D: no salão, uma amiga pergunta pra outra: “tu vai viajar esse mês?”. A amiga responde:

(17) Esse mês não *dá de ir*... (PEF)

Com relação à estrutura argumental, já mencionamos na seção anterior que *dar* apresenta apenas um argumento, a sequência, “-de+V_{Inf}”, que permanece em posição pós-verbal. O verbo *dar* de “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade, portanto, nesse aspecto, se comporta como um verbo inacusativo como *parecer*, ilustrado em (18):

(18) *ec* Parece que a Maria telefonou. (MIOTO et al., 2013)

Quanto à propriedade (ii), não é possível extrairmos conclusões, uma vez que o complemento de *dar* em “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade não se trata de um DP pronominalizável, mas sim uma sentença infinitiva introduzida por uma preposição.

Por fim, podemos constatar que o verbo *dar*, tal como previsto no item iii, não atribui papel temático externo, visto que não seleciona argumento externo. A esse respeito, é relevante retomar os exemplos em (11) e (12), que apresentam o sintagma *o livro* à esquerda do verbo *dar*:

(19) O livro deu de comprar. (exemplo 11)

(20) a. O livro_i, deu de comprar ele_i (exemplo 12)
c. O livro_i, deu de comprá-lo_i.

Conforme apontado por Miotto et al. os verbos inacusativos não impõem nenhuma restrição ao argumento que o antecede visto não ser tal verbo que o s-seleciona.

Se aplicarmos esse raciocínio aos dados em (19), observamos que, assim como os verbos inacusativos, o verbo *dar* dessas sentenças aceita qualquer tipo de DP na posição de sujeito da frase:

(21) O livro deu de comprar (ele).

(22) O cachorro deu de vacinar (ele).

(23) A pedra, deu de jogar (ela) no rio.

(24) A felicidade deu de alcançar (ela).

Assim, a partir desses dados, concluímos que, nas sentenças “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade, ainda que o verbo *dar* possa ser antecedido por um sintagma, ele não o seleciona, visto que não lhe impõe restrições de seleção semântica.

Além das características apontadas por Burzio (1986) e dos testes descritos por Miotto et al. (2013) para identificar os verbos inacusativos em PB, citamos os testes

realizados por Eliseu (1986) no português europeu e aplicados por Círiaco e Cançado (2004) ao PB.

O primeiro, de cunho semântico, refere-se ao fato de que o argumento de um verbo monoargumental inergativo apresenta a propriedade de desencadeador, ou seja, algum papel no desencadear do processo. Os verbos inacusativos, por outro lado, apresentam a propriedade de ter um argumento com característica de afetado, a qual refere-se à mudança de estado acarretada pelo verbo a seu argumento. Dessa forma, se um verbo acarretar mudança de um estado A para um estado B a um argumento, o argumento será associado à propriedade de afetado, e o verbo será inacusativo. Isso pode ser ilustrado com os dados em (25): em (25a), o argumento *João* apresenta característica de afetado, enquanto em (25b) *João* é afetado e desencadeador.

- (25) a. João chegou de repente.
b. João correu ontem.

Se consideramos sentenças “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade quanto a esse aspecto, observamos, através dos exemplos em (26), que o argumento interno de *dar* não pode desencadear o processo. Por outro lado, tal verbo também não atribui uma semântica de afetado ao complemento “de+V_{Inf}”, uma vez que não lhe acarreta mudança de um estado A para um estado B.

- (26) a. Dá [de cantar essa música].
b. Dá [de fazer a torta].
c. Dá [de comprar o perfume].

Assim, podemos concluir que, no que diz respeito ao teste semântico “afetado *versus* desencadeador”, o verbo *dar* de “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade não se acomuna aos verbos inacusativos.

Quanto ao teste de adição da expressão “por X minutos”, conforme explicitado no capítulo 2, Círiaco e Cançado (2004) observam que, se aplicada às sentenças com verbos inacusativos a expressão “por X minutos” implica na agramaticalidade da sentença. O contraste entre (27a) e (27b) ilustra essa restrição:

(27) a. * João chegou por 15 minutos.

b. João correu por 15 minutos. (CÍRIACO e CANÇADO, 2004)

Vejamos os dados de “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade em (28) e (29):

(28) a. Dá [de cantar essa música por 15 minutos].

b. Dá [de correr por 15 minutos].

c. Dá [de admirar a Maria por 15 minutos]

d. Dá [de usar esse vestido por 15 minutos].

(29) a. *Dá [de comprar o perfume por 15 minutos].

b. *Dá [de fazer a torta por 15 minutos].

Os dados em (29) são cruciais para concluir que o verbo *dar* apresenta comportamento inacusativo, uma vez que não é compatível com a expressão “por X minutos”. Podemos dizer que a gramaticalidade das sentenças em (28) decorre do fato de a expressão “por X minutos” poder se aplicar aos verbos infinitivos *cantar*, *correr*, *admirar* e *usar* e não por poder se aplicar ao verbo *dar*. Por outro lado, nos dados em (29), a expressão “por X minutos” não é compatível com as sequências *comprar o perfume* e *fazer a torta*. Note, porém, que expressões como “por X minutos” apresentam diferentes possibilidades de escopo em uma sentença, como ilustra (30):

(30) O Pedro viu a Maria paquerando o Pedro por 15 minutos.

Nesse caso, *por 15 minutos* pode se aplicar à cena de paquera ou ao tempo em que o Pedro presenciou a paquera da Maria. Dessa possibilidade de diferentes escopos de expressões “por X minutos”, esperaríamos que, em (29), embora tal expressão não possa atuar sobre as sequências *comprar o perfume* e *fazer a torta*, pudesse ser compatível com o verbo *dar* de “Dar+de+V_{Inf}”, tornando a sentença (29) gramatical sob essa leitura. Como isso não ocorre, concluímos que uma expressão “por X minutos” não é compatível com *dar* em “Dar+de+V_{Inf}” e que, portanto, com relação a esse teste, se comporta como inacusativo.

Outro teste realizado por Círiaco e Cançado (2004), é a indeterminação do sujeito, que não é aceita pelos verbos inacusativos:

(31) *Chegaram muito ontem.

Esse tipo de teste, porém, parece não ser possível de aplicar às sequências “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade pelo fato de que, diferentemente de verbos inacusativos como *chegar*, e à semelhança de verbos inacusativos como *parecer*, o verbo *dar* não tolera a subida do argumento interno para a posição de sujeito da frase. Isso pode ser observado nos exemplos *b* do conjunto de dados a seguir:

(32) a. Chegou a Maria.

b. A Maria chegou.

(33) a. Parece que a Maria está doente.

b. *Que a Maria está doente parece.

(34) a. Deu de comer o macarrão da Marta

b. *De comer o macarrão da Marta deu.

O fato de que não é possível alçar o InfP introduzido pela preposição *de* para a posição de sujeito nos impede de testar a possibilidade de o verbo *dar* ter um sujeito indeterminado.

O dado em (35) refere-se ao teste do particípio absoluto que, segundo Ciriaco e Cançado (2004), se trata do principal diagnóstico de inacusatividade no PB.

(35) *Dado de limpar a casa, pude ir passear no centro.

(36) Chegadas as cartas, pude descobrir a razão de tanta tristeza. (CÍRIACO e CANÇADO, 2004)

Como se observa, o *dar* das construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade, diferentemente do verbo *chegar* em (36), não passa pelo teste do particípio absoluto, deixando, assim, de manifestar uma das mais importantes propriedades dos inacusativos no PB, conforme Ciriaco e Cançado (2004).

Em suma, através dos testes de inacusatividade aplicados às construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade, pudemos constatar que o verbo *dar* não apresenta exatamente todas as características apontadas como diagnóstico de inacusatividade no PB. Porém, se seguimos Ciríaco e Cançado (2004), observamos que isso não pode levar à conclusão de que o *dar* dessas construções não seja inacusativo. Ciríaco e Cançado (2004) afirmam que há verbos prototipicamente inacusativos, os quais que reagem bem a todas as propriedades de inacusatividade. Por outro lado, há outros verbos cuja origem não é inacusativa e que, ao figurarem como inacusativos, apresentam características mistas de ambas as classes. Sabemos que *dar* não é um verbo originariamente inacusativo. Portanto, uma hipótese a ser explorada é a de que ele sofreu um processo de inacusativização nas construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade. Por ter sofrido esse processo, ele não se comporta como um verbo prototipicamente inacusativo.

Uma outra possível análise para as estruturas “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade pode ser aquela segundo a qual essa expressão envolve um verbo *dar* auxiliar, como veremos na próxima seção.

3.2 A auxiliaridade de dar em “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade

Neste trabalho adotamos os testes e os critérios utilizados por Lunguinho (2011) em seu estudo sobre a classe de verbos auxiliares no PB, para checarmos se o verbo *dar* das construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade figura como verbo auxiliar.. Os critérios são os expostos a seguir:

- 1) impossibilidade de complementação finita;
- 2) Ausência de flexão no infinitivo;
- 3) Impossibilidade de advérbios com valores temporais distintos;
- 4) Sujeito único;
- 5) Ausência de restrição de seleção quanto ao sujeito;
- 6) Impossibilidade de seleção de DP objeto;
- 7) Impossibilidade de negação do domínio não-finito;
- 8) Transparência de voz . (LUNGUINHO, 2011)

Além destes critérios de auxiliaridade, testaremos também os critérios de ausência de restrição quanto ao tipo aspectual do predicado e a ausência de forma imperativa que embora citados por Lunguinho, não foram utilizados em sua pesquisa. Neste ponto seguiremos Rech (2009).

Começando pelo teste da impossibilidade de complementação finita. Segundo o autor, verbos auxiliares não aceitam complemento finito. Para checar esse critério, observemos os dados abaixo, em que se observa que o verbo *ter*, um auxiliar prototípico, não aceita o complemento finito.

- (37) a. Tinha sobrado muita comida na festa.
b. *Tinha [de/que sobrava] muita comida na festa.

Por esse critério de auxiliaridade, *dar* em “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade poderia se enquadrar como auxiliar, pois não tolera um complemento finito, como vemos em (38b).

- (38) a. Deu [de fazer uma casa naquele terreno pequeno].
b. *Deu [de/que fizemos uma casa naquele terreno pequeno].

O segundo teste diz respeito a uma restrição sobre o sujeito, que deve ser único: verbos auxiliares não selecionam sujeito, apenas o verbo principal que o acompanha, conforme (39):

- (39) a. O João tinha comido a torta.
b. * O João tinha a menina comido a torta.

Por esse critério, o verbo *dar* pode ser incluído na classe dos auxiliares. Como vimos na seção 3.3, esse verbo não seleciona um sujeito (40), - e eventuais sintagmas que possam aparecer antes dele são, na verdade, elementos topicalizados (41).

- (40) Deu de a Maria comprar um perfume novo com seu salário.

- (41) A Maria, deu de (ela) comprar um perfume novo com seu salário.

Sobre a impossibilidade de negação com escopo sob a forma não flexionada com verbos auxiliares, observamos que, diferente do auxiliar *ir* (cf. (42b)), o verbo *dar*, se combinado com a negativa de uma forma verbal não flexionada, não gera agramaticalidade na sentença (cf. 43b-c).

(42) a. Os turistas não vão chegar hoje.

b. * Os turistas [vão não chegar hoje]. (Linguinho, 2011)

(43) a. Não dá de fazer a torta.

b. Dá [não de fazer a torta].

c. Dá [não de usar o computador].

d. Não dá [não de usar o computador].

A dupla possibilidade de negação em (43) não constitui indício para excluir *dar* nas sentenças “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade do grupo de auxiliares pois, segundo Rech (2009), este fator revela tão somente diferença entre *ir* em (42b) e *dar* (43) e sugere que *ir* está em um estágio mais gramaticalizado, exibindo mais características dos itens funcionais do que *dar*.

O testes em (45a-b) mostram que, assim como um auxiliar (cf. (44b)), o verbo *dar* não pode ocorrer com adjuntos adverbiais que tenham valores temporais diferentes daqueles da sua flexão.

(44) a. Amanhã, me lembrarei de hoje.

b. *Hoje, vou viajar amanhã.

(45) a. *Amanhã, dará de visitar a tia hoje.

b. *Hoje, deu de viajar ontem.

Diante deste teste, o resultado se mostra conclusivo, pois todas as sentenças (45) são agramaticais, apontando para a inclusão de *dar* nestas sequências como verbo auxiliar.

Referente à ausência de restrição de seleção quanto ao sujeito, verbos auxiliares não impõem restrição de seleção ao sujeito, uma vez que não o selecionam.

- (46) a. *A pedra está doente.
b. *A pedra irá falar no plenário.

- (47) a. *Deu de enganar a flor.
b. *Deu de lavar o caderno.

Note que a restrição está sendo imposta pelo núcleo do predicado (47) [*enganar/lavar*] que o segue e não pelo verbo *dar*, assim como em (46). Diante deste critério podemos continuar incluindo *dar* como auxiliar nestas construções.

Em (48), os dados de Rech (2009), baseados em Vendler (1967), revelam a não restrição de seleção aspectual de complemento para os verbos auxiliares. Mais uma vez, *dar* apresenta comportamento de auxiliar nas construções “Dar+de+V_{inf}”, como mostram os dados em (49).

- (48) O João começou a correr (atividade) / lendo o livro (*accomplishment*) /
descobrimo a solução (*achievement*) / sendo o herói da turma (estado).

- (49) a. Deu de correr a maratona de São Silvestre. (atividade)
b. Dá de escrever a carta. (*accomplishment*)
c. Dá de chegar cedo. (*achievements*)
d. Dá de ser o herói da turma. (estado)

Quanto à impossibilidade de flexão com verbos no infinitivo, obtemos os seguintes resultados, os quais, mais uma vez, mostram que o comportamento de *dar* é compatível com o de verbo auxiliar proposto por Lunquinho (2011).

- (50) a. ?*Dá de comerem o bolo.
b. ?*Deu de comprarem o presente.

Os dados em (51) dizem respeito à impossibilidade de a forma imperativa ocorrer com os auxiliares. Quando envolve forma imperativa, a leitura de possibilidade das sentenças “Dar+de+V_{Inf}” se perde. Apenas se mantém a leitura de “começar a fazer algo”. Isso revela, portanto, mais uma característica de auxiliaridade no verbo *dar* das construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade.

- (51) a. *Dê de tomar o lanche.
b. *Dê de enganar o Paulo.

Por fim, apresentamos o teste de transparência de voz, discutido em Rech (2009) através de dados como (52) e aplicados a “Dar+de+V_{Inf}” em (53):

- (52) a. Pedro ainda vai preencher esta vaga.
b. Esta vaga ainda vai ser preenchida por Pedro. (RECH, 2009)

- (53) a. Deu de prorrogar a defesa.
b. A defesa deu de ser prorrogada.
c. *Foi dado de prorrogar a defesa. (Adaptado de Rech, 2009, p.171)

O comportamento de *dar* frente ao fenômeno de transparência de voz é compatível com o de um auxiliar que, embora aceite a apassivação da encaixada (53b), não aceita ser apassivado (53c) e mantém a correspondência entre ativa e passiva (53a-b). Este resultado é mais um indício de que *dar*, seguido de *preposição* mais infinitivo, corresponde a um verbo auxiliar.

Para complementar os testes de auxiliaridade, submetemos, ainda, o verbo *dar* das expressões “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade a quatro propriedades elencadas por Lunguinho (2011) para os verbos auxiliares.

A) os auxiliares pertencem à categoria dos verbos que podemos checar um traço compatível presente do seu complemento: um auxiliar não pode ter como argumento um DP ou CP e não pode ser o único ou o último do complexo verbal.

- (54) a. Dá de admirar a beleza das flores na primavera.
b. *Dá [DP a beleza das flores na primavera.]
c. * Dá [CP que admirar a beleza das flores na primavera.]

- d. *Dá.
- e. *De admirar a beleza das flores na primavera dá.

Em (54b-c) a agramaticalidade em oposição à boa formação de (53a) pode ser explicada pela restrição de c-seleção de *dar* como auxiliar, que não combina com DP e CP. A impossibilidade de se apresentar sozinho neste ambiente linguístico (53d), exigindo a presença de um outro verbo, ao qual atribui o sentido de possibilidade.

B) não atribuição de papel temático, uma propriedade central de um auxiliar. As construções “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade também não se diferenciam a esse respeito. Consideremos a sentença em (55).

(55) Deu de correr a maratona de São Silvestre.

Nossa intuição é a de que a sequência “de correr a maratona de São Silvestre” é selecionada pelo infinitivo e recebe dele sua função temática de TEMA.. Dessa forma, concluímos que o verbo *dar* das expressões “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade não se diferenciam dos verbos auxiliares por não atribuírem papel temático ao seu complemento “de+V_{INF}”.

C) Constituir um único domínio oracional com o complemento. *Dar*, assim como os auxiliares, constitui um único domínio oracional com a sequência “de+V_{inf}”, pois o seu complemento infinitivo não pode ser retirado ou modificado, como mostram os dados em (56b-c):

- (56) a. Deu de correr a maratona de São Silvestre.
- b. *Deu.
 - c. *Deu que a Maria correu a maratona de São Silvestre.

D) O auxiliar não pode estar sozinho na sentença, sob pena de agramaticalidade. Observamos que o mesmo ocorre com *dar*:

(57) a. Dá de cantar essa música no concerto.

b. *Dá essa música.

c. *Dá no concerto.

Dar não pode aparecer sozinho nestas construções com leitura de possibilidade, sendo dependente da presença de um outro verbo para formar uma sentença gramatical.

O comportamento de *dar* mostrou-se positivo para quase todas as propriedades elencadas por Lunguinho (2011) para os auxiliares. Este fato não é novo, pois, além de Bechara, Esteves (2008, p.31) já havia apontado esta conclusão, porém, sem apresentar nenhuma análise empírica. Salomão (2007), é outra estudiosa que detectou este fenômeno em sua tese publicada em 1990. Porém, esta autora identifica a estrutura com a preposição *para* e não com a preposição *de*, como é o caso deste estudo.

Com base nos dados até aqui discutidos, podemos concluir que os testes de auxiliaridade apontados por Lunguinho (2011), quando aplicáveis às estruturas “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade, são bastante conclusivos: *dar*, nas construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade, apresenta a maioria das características dos verbos auxiliares, com exceção apenas de duas características: Impossibilidade de negação do domínio não-finito e não atribuição de papel temático. Os resultados dos testes de combinação com os predicados aspectuais propostos por Vendler (1967 *apud* RECH, 2009 p. 170), além disso, confirmam propriedades auxiliares. Assim, podemos assumir que o verbo *dar* nas construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade se comporta como um verbo auxiliar, e que as poucas diferenças com relação a verbos genuinamente auxiliares se devem ao fato de que *dar* nas construções “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade é um verbo que passa por um processo de gramaticalização¹⁵.

3.4 Papel temático e Caso em “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade

Nesta seção, investigaremos as expressões “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade no que concerne às teorias do Papel Temático e Caso, pois ambas

¹⁵ Seguindo Rech (2009) consideramos uma “escala de auxiliaridade”: quanto mais características dos auxiliares genuínos apresentarem os verbos, maior será o grau de gramaticalização.

mantêm estreita relação. A marcação de Caso é fundamental para dar visibilidade temática aos DPs da sentença, satisfazendo a exigência do *Filtro do Caso*. Esses mesmos DPs que recebem Caso, são também receptores de Papel Temático, os quais são distribuídos por predicados da sentença. Observemos a sentença em (58):

(58) Joana deu um brinquedo para seu filho.

Aplicando os princípios da Teoria X-Barra, temos que os argumentos internos são *um brinquedo* e *para seu filho*. O núcleo lexical que seleciona estes objetos é o predicado *dar*, que é o responsável por atribuir seus papéis temáticos. Para o DP *um brinquedo*, o predicado atribui papel de TEMA, e para o DP *para seu filho*, o verbo atribui o papel de META. Há ainda o argumento externo da sentença, que por sua vez é o sujeito da sentença, cujo papel temático dependerá da relação do verbo com o argumento interno. Portanto, em (58) o argumento externo recebe papel de AGENTE, já que o verbo *dar* conserva seu valor de transferência.

Retomemos algumas sentenças já exploradas anteriormente:

- (59) a. Dá de comprar uma bolsa.
b. Dá de fazer uma proposta.
c. Dá de cantar essa música.

Ao fazer o contraponto entre os dados de (58) e (59), observa-se que em (58) há um causador do evento de transferência, enquanto que em (59), há um comportamento bastante distinto: não há a presença de um agente causador e não acontece a transferência de um objeto, pois o verbo *dar* não conserva seu valor de transferência. Nas estruturas em (59), o verbo *dar* junta-se à sequência “de+V_{Inf}”. Sabemos que somente argumentos recebem papel temático, “de+V_{Inf}” não é um argumento. Esta sequência aparece como complemento sintático que lhe completa o sentido de possibilidade.

Em sentenças como (58), observamos que *dar* é pleno de sentido e o único responsável por esta atribuição. Em (59a-c), por outro lado, *dar* está esvaziado de conteúdo semântico e não é apenas ele o responsável para atribuir um papel temático aos argumentos internos “*uma bolsa*”, “*uma proposta*” e “*essa música*”. Porém, é interessante observar que os papéis temáticos envolvidos nas expressões

“Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade irão depender dos Infp que fazem parte do complemento do verbo *dar*. Assim, nas sentenças de (59a-c), os papéis temáticos envolvidos decorrem das propriedades semânticas dos verbos *comprar*, *fazer* e *cantar*.

Com base no exposto, concluímos que nas expressões “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade o verbo *dar* não pode ser analisado como o *dar* pleno ilustrado em (58), uma vez que não há um agente causador. Assumiremos que a sequência “de+V_{Inf}” não é argumento interno, é um complemento sintático que completa seu sentido de possibilidade formando um predicado complexo com ele. Dentro de tal predicado complexo, os papéis temáticos que podem estar presentes, serão funções atribuídas de acordo com o verbo infinitivo.

No que diz respeito à marcação de Caso nas expressões “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade, convém recapitularmos alguns aspectos. Conforme o Filtro do Caso, todo DP pronunciado deve receber um Caso. Quando um DP aparece na posição sujeito da sentença, ele pode receber caso Nominativo, quando a sentença é finita ou Acusativo, quando se trata de um sujeito de frase infinita complemento de um verbo finito. Os elementos que atribuem Caso são a Flexão (I) o Verbo (V) e a Preposição (PP). Cada atribuidor só pode descarregar um Caso por vez.

Observemos, agora, as sentenças em (60):

- (60) a. Dá de imprimir o trabalho.
- b. Deu de copiar o arquivo.
- c. Dava de fazer a comida.

Nos exemplos acima, vê-se que a flexão do verbo *dar*, embora seja um potencial atribuidor de Caso Nominativo, não atribui tal Caso, uma vez que não há DPs que aparecem na posição de Spec da projeção da sua flexão (IP). Por outro lado, dentro do argumento interno de *dar*, a sequência “de+V_{Inf}”, é possível observar a marcação de Caso acusativo, se o verbo selecionar argumento interno, como ocorre com os verbos *imprimir*, *copiar* e *fazer*. É também possível verificar atribuição de Caso nominativo, se o verbo apresentar morfologia infinitiva pessoal, como ilustram as frases em (60).

- (61) a. Dá de os meninos brincarem nesse parque.
- b. Dá de as pessoas morarem naquele bairro.

Nessas sentenças, a flexão infinitiva pessoal em *morarem* e *brincarem* atribui Caso nominativo aos DPs *as pessoas* e *os meninos*, respectivamente.

Por fim, é possível perceber que a preposição *de*, que introduz a infinitiva, é uma preposição funcional e, portanto, não pode atribuir Caso oblíquo a nenhum DP. Além disso, dadas as características inacusativas do verbo *dar*, explicitadas na seção 3.3, podemos assumir que tal verbo não atribui Caso acusativo.

3.3. “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade e predicação complexa

Como explicitamos no capítulo 1, Rech (2009, 2011), ao estudar o fenômeno de reestruturação no PB, elenca um conjunto de regras sintáticas que caracterizam a formação de um predicado complexo. Para checar a possibilidade de as sentenças com “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade formarem um predicado complexo, submetemos a seguir estas sentenças aos testes utilizados pela autora.

Analisemos o comportamento das expressões “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade quando submetidas às regras de formação de predicado complexo em (i) – (iii):

- (i) apassivação do verbo encaixado
- (ii) movimento-*tough*
- (iii) o movimento do objeto da encaixada

No que se refere à apassivação do verbo da encaixada, constatamos que tal manipulação sintática é possível nas estruturas “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade, como mostra conjunto de dados em (62) – (64):

- (62) a. Dá [de comprar o perfume].
b. Dá [de o perfume ser comprado].

- (63) a. Dá [de fazer a torta].
b. Dá [de a torta ser feita].

- (64) a. Dá de cantar a música.
b. Dá de a música ser cantada.

Segundo Rech (2009, p.85), “com a finalidade de identificar a formação de predicado complexo, a apassivação do verbo encaixado é um diagnóstico tão confiável quanto a apassivação do verbo matriz, pois ambos os processos evidenciam ausência de barreira sentencial”.

O teste do movimento-*tough* apresentado por Rech (2009, 2011), e retomado em (65), se aplicado às estruturas “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade, fornece resultados positivos, como mostram os dados em (66b-c).

- (65) a. Pedro tenta/consegue/quer/trata de/deseja ajudar essas crianças.
b. Essas crianças são fáceis de tentar/conseguir/querer/tratar de/desejar ajudar. (RECH, 2011)

- (66) a. Dá de cantar essa música.
b. Essa música é fácil de dar de cantar
c. Essa música é difícil de dar de cantar

Por fim, para a (iii) regra do movimento longo do objeto da encaixada, contamos, através dos dados em (62b), (63b) e (64b), repetidos em (67), que as construções “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade admitem essa manipulação.

- (67) a. O perfume dá de ser comprado.
b. A torta dá de ser feita.
c. A música dá de ser cantada.

A possibilidade do movimento longo do objeto da encaixada (67) constitui importante diagnóstico de predicado complexo no PB de acordo com Rech (2009).

Ao fim desta seção concluímos que a boa formação das sentenças “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade diante dos testes para diagnosticar a formação de predicado complexo constitui indício suficiente para incluir estas sentenças no rol de predicação complexa do PB.

3.4. A tipologia categoria vazia das sentenças “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade

O objetivo desta seção é examinar a tipologia das categorias vazias (*ec*) na posição de sujeito nas construções “*Dar+de+V_{inf}*” com leitura de possibilidade com base da teoria de Chomsky (1981) e a aplicação dessa teoria ao PB em Miotto et al. (2013).

Segundo Chomsky (1981), a motivação para a existência das *ec*s se deve a dois aspectos teóricos: *Princípio de Projeção* e o *Critério Temático*. O primeiro determina que as propriedades de seleção do predicado sejam respeitadas para que a exigência do segundo seja satisfeita. Em sentenças como a em (65), por exemplo, a existência de uma *ec* à esquerda do verbo *fazer*, que seleciona dois argumentos - um externo e outro interno, aos quais atribui a função de AGENTE e TEMA - é diretamente determinada por esse princípio: *Princípio de Projeção*.

(68) *ec* fazer o mestrado agrada a Rita

As construções “*Dar+de+v_{inf}*” com leitura de possibilidade podem envolver duas categorias vazias: uma na posição de sujeito da frase matriz e outra na frase infinitiva encaixada:

(69) *ec* Dá de *ec* comer essa torta em dois segundos. (PEF)

De acordo com o *Princípio de Projeção*, todos os domínios proposicionais devem ter uma posição sujeito. Embora seja uma posição obrigatória, nem sempre é uma posição sintática tematicamente marcada. Na construção em (69), por exemplo, mesmo a posição sujeito estando obrigatoriamente presente, ela não recebe nenhuma marcação temática conforme discutimos na seção 3.2.

(70) *ec* Deu de enganar o João. (PEF)

Observemos a sentença em (71):

(71) *ec* Procuro um livro de Linguística.

De acordo com Miotto et al. (2013), tanto em (70) como em (71) estamos diante de uma *ec* do tipo *pro*. Os autores observam que existem dois tipos de *pro*. Um que pode ser substituído por um pronome e outro que não admite a presença de um DP foneticamente realizado. No primeiro caso, trata-se de um *pro* referencial e, no segundo, um *pro* expletivo. Vejamos o que acontece com ambas as sentenças ao substituirmos suas *ecs*.

(72) Eu procuro o livro um livro de Linguística.

(73) Ela deu de enganar o João.

Se substituirmos por um pronome a *ec* em (72), observamos que a sentença não tem sua gramaticalidade e interpretação alteradas, o que comprova que a *ec* em questão se trata de um *pro* referencial. Por outro lado, quando substituimos a *ec* de (73), a leitura de possibilidade se perde, e a sentença adquire a leitura de início de hábito, podendo ser parafraseada por *Ela começou a enganar o João*. Para que se mantenha a leitura de possibilidade das sentenças “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade, a *ec* presente na posição sujeito não pode ser substituída por um pronome. Dessa forma, podemos concluir que a *ec* presente na posição que antecede o verbo *dar* nas expressões “Dar+de+V_{Inf}” com leitura de possibilidade se trata de um *pro expletivo*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa proposta nesta dissertação foi apresentar um estudo sintático das construções “Dar+de+V_{inf}” à luz da Teoria Gerativa, baseado em dados de uso no PB ora de Boa Vista/RR. Em particular, nosso propósito foi descrever e analisar cinco aspectos dessas construções:

- A) A estrutura argumental do verbo *dar*;
- B) O tipo de monoargumentalidade de *dar*;
- C) Papéis temáticos e Casos;
- D) A formação de predicado complexo;
- E) A categoria vazia na posição de sujeito da frase.

Quanto às hipóteses norteadoras desta pesquisa com relação à categoria de *dar* nas construções “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade, com base em Basílio (1994 apud LIZ, 2005) e Davel (2009) podemos concluir que: (i) *dar* não conserva o seu valor de transferência, portanto, não pode ser considerado em seu uso pleno; (ii) *dar* não seleciona DP, logo, não pode ser um verbo leve; (iii) o verbo *dar* em “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade não seleciona especificador, apenas seleciona complemento, que admitimos ser “de+V_{inf}”.

Uma consequência da constatação em (iii) é a definição do tipo de monoargumentalidade de *dar*. Com base em Burzio (1986), testamos a hipótese de esse verbo ser inacusativo, constatando que, nas construções “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade, *dar* se comporta como inacusativo.

Considerando que ser inacusativo é uma propriedade de verbo auxiliar, aplicamos a noção de auxiliaridade a *dar* com base em Lunguinho (2009) e Rech (2009) nas expressões “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade. Os resultados foram determinantes para considerarmos *dar* nestas construções como um auxiliar por revelar a maioria das características dessa classe verbal. Vale lembrar que para este diagnóstico seguimos Rech, que considera graus de auxiliaridade e, insere neste grupo de auxiliar aqueles verbos que apresentam resultado positivo para a maioria das propriedades de item funcional, afirmando que quanto maior o número de propriedades apresentadas maior o estágio de gramaticalização.

Os verbos auxiliares são candidatos em potencial para desencadear a formação de predicado complexo. A análise da presença das propriedades comuns aos verbos formadores deste fenômeno no PB, em consonância com Rech (2009), permitiu-nos confirmar a hipótese de predicado complexo para as expressões “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade.

Com relação à atribuição de papéis temáticos e Casos nas sentenças Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade, observamos que

Nas expressões “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade o verbo *dar* não seleciona um agente causador. Sua única seleção é interna, a sequência “de+V_{inf}”, que não é um argumento. É um complemento sintático que lhe completa o sentido de possibilidade e, portanto, não recebe papel temático.

Testando as expressões “Dar+de+V_{inf}” com leitura de possibilidade com relação à marcação de Caso, constatamos que a flexão do verbo *dar*, embora seja um potencial atribuidor de Caso Nominativo, não atribui tal Caso, uma vez que não há DPs que aparecem na posição de Spec da projeção da sua flexão (IP). Por outro lado, dentro do argumento interno de *dar*, a sequência “de+V_{inf}”, é possível observar a marcação de Caso acusativo, se o verbo selecionar argumento interno.

Foi possível, ainda, observar que a preposição *de*, introdutora da oração infinitiva, é uma preposição funcional e, embora possa atribuir Caso oblíquo não atribui porque não há nenhum DP para recebê-lo. Além disso, dadas as características inacusativas do verbo *dar*, diante dos testes aplicados para identificar verbos inacusativos no PB, podemos assumir que tal verbo não atribui Caso acusativo.

Por fim, no que se refere à categoria vazia na posição de sujeito da frase em “Dar+de+V_{inf}”, é interessante notar que quando a posição sujeito é preenchida por um pronome realizado a leitura de possibilidade se perde, portanto, concluímos que tal *ec* refere-se a um *pro expletivo*.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** Ed. Loyola, 2004

BASÍLIO, M. DIAS, M. Carmelita P. MARTINS, H. F. “**Expressões dar + SN: um estudo da representação lexical**”. *In: Anais do III Encontro da Assel- Rio.* Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.

_____. **Teoria Lexical.** Rio de Janeiro: Ática, 1995;

_____. **Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares.** 2010

BORBA, Francisco, S. *Uma Gramática de Valências Para o Português.* Rio de Janeiro: Ática, 1999.

BURZIO, Luigi. **Italian Syntax – a government-binding approach.** Dordrecht: Reidel, 1986.

CALDAS AULETE, Francisco. **Dicionário Contemporâneo da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa.* 15. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.

CÍRIACO, Larisa. CANÇADO, Márcia. *Inacusatividade no PB.* Cad.Est.Ling., Campinas, Jul/Dez. 2004.

CHOMSKY, Noam. **Remarks on Nominalization**, in: Jacobs, R. and P. Rosenbaum (eds.) *Readings in English Transformational Grammar*, Blaisdell, Waltham, MA. 1970.

_____. **Reflexões sobre a Language**, 1928. Trad. De Carlos Vogt et al. São Paulo: Cultrix, 1980.

_____. **O Conhecimento da Língua, Sua Natureza, Origem e Uso.** 1986. Trad. Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Caminho, 1994.

_____. **Language and problems of knowledge.** Cambridge, mass: MIT Press, 1988.

_____, Belletti, A., & Rizzi, L. (2002). **Nature and language, with and essay on The secular** priesthood and the perils of democracy. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press. Cummings, J. L. (1995).

CYRINO, Sônia M. Lazzarini. **O objeto nulo do português brasileiro.** D.E.L.T.A., São Paulo, v. 12, n. 2, p. 221-238, jul./dez., 1996.

DAVEL, Alzira da Penha Costa. **Um estudo sobre o verbo-suporte na construção DAR + SN**. Dissertação mestrado. UFES, 2009.

DUARTE, M. E. L. **O sujeito em peças de teatro (1833-1992): Estudos diacrônicos**. São Paulo, Parábola Editorial, 2012.

DUARTE, Fábio Bonfim. **Caso, Funções sintáticas e Papéis Temáticos**. UFMG, s/d.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ESTEVES, Gisele Aparecida Toledo. **Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples**. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2008

FERREIRA, I. K. de Souza. **Os verbos inacusativos e a inversão do sujeito em sentenças declarativas do português brasileiro**. Dissertação de mestrado, 2011.

FERNANDO, Chitra. **Idioms and Idiomaticity**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

GUESSER, Simone. **Movement, Past-Participle Agreement and Defective Phases** - Ian Roberts. 2007

_____. **La sintassi delle frasi cleft in portoghese brasiliano**. Università di Siena. Tesi di dottorato 2011.

HAEGGEMAN, Lilian. **Introduction to government e binding theory**. 2 ed. Oxford: Backwell, 1996.

KATO, Mary Aizawa. DUARTE Maria Eugênia Lammoglia.. **Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro**. Veredas, sintaxe das línguas brasileiras vol.18/01, 2014.

KENEDY, Eduardo. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. São Paulo. Contexto. 2013.

LIZ, Lucilene Lisboa de. **“Dar uma X(a)da” : um trabalho de interfaces**. *Dissertação de mestrado*, UFSC, 2005.

LOBATO, Lucia M. P. **O princípio das categorias vazias: evolução e tendências**. D.E.L.T.A., v. 4, n. 2, p. 225-263, jul./dez. 1988.

LUNGUINHO, Marcos Vinicius da Silva. **Verbos auxiliares e a sintaxe dos domínios não-finitos**. Dissertação de Mestrado, USP, 2011.

MIOTO, C., FIGUEIREDO SILVA, M. C. & LOPES, R. **Manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

_____. **Uma contribuição para aquisição de segunda língua: auxiliares e pronomes partitivos em italiano**. 2008.

NOVO AURÉLIO, Século XXI: O dicionário da língua portuguesa, 1999.

NUNES, Jairo. **Apparent Hyper-raising in Brazilian Portuguese: Agreement with Topics across a Finite CP** (em parceria com A. M. Martins). In Phoevos E. Panagiotidis (org.): *The Complementiser Phase: Subjects and Operators*, 143-163. Oxford University Press, 2010.

POSENTI, Sírío. **Porque (não)ensinar gramática na escola**. Campinas, SP. Mercado de Letras 2012.

RECH, Nubia Ferreira. **Auxiliares: uma subclasse de Reestruturação**. Dissertação de Mestrado UFSC, 2009

_____. **O processo de auxiliaridade verbal no português brasileiro: Uma análise dos modais poder, dever, e ter de/que**. Work. pap. linguíst., n.2.: 37-51, Florianópolis, 2011.

_____. RIZZI, Luigi. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In Cheng, L. e Corver, N. (eds.). *Wh movement: moving on*, 97-134. Cambridge, The MIT Press, 2006.

ROCHA, Lúcia Helena Peyroton da, SMARSARO, Aucione. **O uso do verbo dar no jogo da linguagem**. Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) (s/d).

SALOMÃO, M.M.M. **The metaphoric grounding of grammar: the modal construction wh in Brazilian portuguese**. of Califórnia, Berkeley, 2007

Scher Ana Paula **As construções com o verbo leve dar e nominalizações em -ADA no português do brasil**. Dissertação de Mestrado UNICAMP, Campinas, 2004

_____. **ESTRUTURA ARGUMENTAL DO VERBO LEVE DAR. 2003**

_____. **Nominalizações em –ada em construções com o verbo leve dar no Português Brasileiro**. Revista Letras de hoje. Porto Alegre, v. 41, nº 1, 2006